



Agustina Bessa-Luís

A SIBILA

GUIMARÃES EDITORES

Modernismo

Modernismo I^a fase

1922 a 1930

Considera-se, para fins de história literária, que o Modernismo no Brasil inicia-se com a realização da Semana de Arte Moderna em São Paulo, no ano de 1922. Mas antes desse evento, devem-se registrar alguns outros fatos que antecedem e antecipam a revolução modernista iniciada em 1922.

O mais importante desses antecedentes foi a exposição da pintora Anita Malfatti em dezembro de 1917, “Paranóia ou mistificação”, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* de 20.12.17. O ano de 1917 marca também a estréia em livro de uma das mais importantes figuras da Semana de 1922, Mário de Andrade, que, sob o pseudônimo de Mário Sobral, publicou um livro intitulado *Há uma gota de sangue em cada poema*. Ainda nesse mesmo ano são publicados *Nós* de Guilherme de Almeida, *Juca Mulato* de Menotti del Picchia, *A cinza das horas* de Manuel Bandeira e *A fruta de Pã* de Cassiano Ricardo. São quase sempre, obras ainda muito ligadas à tradição, trazendo as marcas do intimismo simbolista, do decadentismo e mesmo do parnasianismo. Apesar disso, foi-se formando um grupo atuante de jovens escritores e artistas interessados na renovação das artes brasileiras, na libertação e na superação do academicismo e da estagnação cultural reinantes no país. Nos anos entre 1917 e 1922 publicam-se outros livros desses mesmos autores, como *Carnaval* de Manuel Bandeira (1919), *A dança das horas* e *Messidor* (ambos de 1919) e *O livro de horas de Sôror Dolorosa* (1920) de Guilherme de Almeida, e de outros, como *Le départ sous la pluie* (1919) de Sérgio Milliet e *Poemas e Sonetos* (1919) de Ronald de Carvalho. Em 1919 registra-se também o retorno do escultor Vitor Brecheret da Europa. Nesse período acontecem também exposições de pintores como Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro em várias cidades do país.

Todos esses acontecimentos na vida cultural do país convergem então para a realização da Semana de Arte Moderna, de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. Além de exposições de obras de artistas como Anita Malfatti, Vitor Brecheret, Di Cavalcanti e vários outros,



**Comissão
organizadora
da Semana
de 22**

foram apresentados recitais com músicos como Villa-Lobos e Guiomar Novaes, conferências de Graça Aranha, Mário de Andrade e Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, tudo isso acompanhado das vaias do público escandalizado. Mas, apesar da reação negativa do público, como diz Mário da Silva Brito, historiador do movimento modernista,

(...) de qualquer forma, havia sido realizada a Semana da Arte Moderna, que renovava a mentalidade nacional, pugnava pela autonomia artística e literária brasileira e descortinava para nós o século XX, punha o Brasil na atualidade do mundo que já havia produzido T.S. Eliot, Proust, Joyce, Pound, Freud, Planck, Einstein, a física atômica¹.

A semana de Arte Moderna marca o início da chamada “fase heróica” do Modernismo brasileiro, fase de consolidação do ideário inaugurado em 1922. É um período de grande efervescência cultural. Nesses anos publicam-se algumas das obras fundamentais da literatura brasileira, como por exemplo:

De Mário de Andrade:

Paulicéia Desvairada (1922)
A escrava que não é Isaura (1925)
Amar, verbo intransitivo (1927)
Clã do Jabuti (1927)
Macunaíma (1928)

De Oswald de Andrade:

Memórias sentimentais de João Miramar (1923)
Pau-Brasil (1925)
Estrela de Absinto (1927)

De Manuel Bandeira:

Ritmo Dissoluto (1924)

De Antônio de Alcântara Machado:

Brás, Bexiga e Barra Funda (1927)

De Cassiano Ricardo:

Vamos caçar papagaios (1926)
Martin Cererê (1928)

À influência das vanguardas européias, como o Futurismo, o Dadaísmo, o Surrealismo, o Expressionismo, a literatura do período soma a luta contra o academicismo passadista, contra o parnasianismo e o esteticismo, já esgotados enquanto possibilidades de expressão artística, mas ainda dominantes na literatura oficial e no gosto do público. Daí a procura de uma linguagem moderna, despojada das convenções do gosto acadêmico, a preocupação em incorporar os coloquialismos e os brasileirismos na língua literária, contrariando os padrões vigentes de submissão à norma gramatical.

Para manter acesa a chama do movimento, foram fundadas revistas e jornais, muitos de vida curta, com o que se procurava divulgar e discutir as novas idéias e as obras que iam sendo produzidas. A primeira dessas publicações foi a revista KLAXON, lançada em maio de 1922, que teve a duração de 9 números. Em 1924 foi lançada no Rio a revista *Estética* por Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto. Teve a duração de apenas 3 números, mas publicou artigos de grande importância, tanto de caráter ensaístico quanto de crítica literária.

Em 1928 surgiu a *Revista de Antropofagia*, que teve duas “dentições”; a primeira, dirigida por Antônio de Alcântara Machado e Raul Bopp, teve 10 números mensais. A segunda, dirigida por Geraldo Ferraz,

¹ Cit. por Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, pg. 384.

publicada semanalmente como página do jornal *Diário de São Paulo*, durou de março a agosto de 1912. A revista divulgou o movimento da *Antropofagia*, lançado por Oswald de Andrade com o *Manifesto Antropófago* em 1928.

Os modernistas de 1922 não formavam, naturalmente, um grupo homogêneo. Já por formação e gosto, representavam diferentes tendências estéticas. Na obra posterior de muitos deles, como por exemplo Guilherme de Almeida, nota-se mesmo um retrocesso em relação ao movimento modernista de 1922. Também não se pode negar que houve na Semana de Arte Moderna muito de provocação, de brincadeira quase, o que foi reconhecido por Mário de Andrade num balanço do movimento apresentado sob a forma de conferência em 1942. Estas disparidades refletem-se nas várias direções que tomaram os modernistas depois de 1922, dividindo-se em vários grupos e lançando manifestos de várias correntes dentro do Modernismo.

Assim, em 1924, Oswald de Andrade lança o *Manifesto da poesia pau-brasil*, procurando aliar modernismo e primitivismo. Depois em 1928, o mesmo Oswald de Andrade lança o *Manifesto Antropófago*, em que ele, invocando a antropofagia dos primeiros habitantes do território brasileiro, defende a incorporação crítica de todas as influências estrangeiras que se juntaram para formar a civilização brasileira.

Em 1925 surgiu o Verdeamarelismo, movimento de tendências nacionalistas fundado por Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida e Plínio Salgado. Esse mesmo grupo, aprofundando essas tendências, lançaria em 1929 a Escola da Anta, acentuando o caráter nacionalista-ufanista conservador do Verdeamarelismo. Essa coloração ideológica identificaria o movimento da Anta com o movimento político do Integralismo, de tendências fascistas, fundado por Plínio Salgado.

Além desses grupos, vale citar ainda o grupo em torno da revista *Festa*, de Tasso da Silveira, de tendência católica e espiritualista.

Agrupavam-se em torno de *Festa* autores como Adelino Magalhães, Gilka Machado, Murilo Araújo e, logo depois, poetas como Cecília Meireles e Murilo Mendes.

O Modernismo brasileiro não se esgota com sua “fase heróica”. A partir dos anos de 1930 o Modernismo consolida-se e diversifica-se. Se nem tudo o que se produziu durante a “fase heróica” ficou, ainda assim o que ficou pertence ao que de melhor se produziu na literatura brasileira. E as possibilidades que abriu não podem ser subestimadas. É com razão que diz Mário de Andrade, em artigo de 1940:

O Modernismo foi um toque de alarme. Todos acordaram e viram perfeitamente a aurora no ar. A aurora continha em si todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia. Mas é uma satisfação ver que o dia está cumprindo com grandeza e maior fecundidade as promessas da aurora. Ficar nas eternas aurorices da infância, não é saúde, é doença. E a literatura brasileira aí está, bastante sã. Adulta já? Quase adulta²...

2 Mário de Andrade, "Modernismo", em *O empalhador de passarinho*, pg. 189.

Modernismo 2ª fase

1930 a 1945

Passado o momento de contestação dos valores tradicionais da arte do século 19, quando os modernistas afirmam: “Não sabemos o que queremos; sabemos o que não queremos.”, referindo-se exatamente às convenções do passado, começa o segundo período do Modernismo brasileiro, conhecido como *fase construtiva*.

Esse período esteve marcado por um aprofundamento das propostas do Modernismo inicial em obras de forte caráter pessoal. Terminado o esforço coletivo de instauração do novo gosto artístico, estabelecidos os padrões da nova sensibilidade, cabe agora a cada artista desenvolver, com base nos novos critérios, suas obras. É a hora do recolhimento e da reflexão que dão seqüência ao impulso de renovação inicial da década anterior.

As duas linhas centrais de desenvolvimento da arte literária serão:

- .a consolidação de uma linguagem nova;
- .e a radicalização de uma visão crítica do país.

Na poesia surgem definitivamente – dado que muitos destes nomes já haviam iniciado suas produções em anos anteriores – Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Murilo Mendes e Jorge de Lima. Enquanto avançam as obras de Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

Na prosa, a manifestação de maior repercussão, dentro e fora do país, é a do Romance Regionalista Nordeste. Aglutinados em torno da figura seminal de Gilberto Freire, autor de *Casa Grande e Senzala*, um clássico dos estudos sociais brasileiros, e estimulados pelo romance de José Américo de Almeida, publicado em 1928, intitulado *A Bagaceira*, os autores que mais se destacaram nesse movimento foram:

- Jorge Amado, da Bahia (*Cacau*, *Jubiabá*, *Capitães de Areia*);
- José Lins do Rego, da Paraíba (*Menino de Engenho*, *Fogo Morto*);
- Raquel de Queirós, do Ceará (*O Quinze*);
- e Graciliano Ramos, de Alagoas (*Vidas Secas*, *São Bernardo*, *Angústia*).

O sucesso do Romance Regionalista Nordeste dos anos 30 se fez ouvir dentro e fora do Brasil. O Neo-Realismo português dos anos 40 é uma espécie de eco ao estímulo representado pela literatura brasileira da década anterior, cujos autores na verdade se encontram ainda em atividade na seguinte. Tal sucesso, no entanto, terminou por abafar toda uma tendência das letras nacionais que então também se manifestava: o romance intimista, representado por nomes como Cornélio Pena, Lúcio Cardoso e Ciro dos Anjos, entre outros.

Ao mesmo tempo, no Rio Grande do Sul, Érico Veríssimo e Dionélio Machado desenvolviam suas obras, aquele com maior fama e prestígio, este mais obscuramente. Dionélio Machado, talvez o maior escritor do período ao lado de Graciliano Ramos, só obteve reconhecimento da crítica muitos anos mais tarde, já na década de 70.

Modernismo 3ª fase

ou Pós-Modernismo 1945 em diante

O período mais recente da literatura brasileira, iniciado no pós-guerra é sobretudo caracterizado por uma diversidade de manifestações artístico-literárias bastante grande e muitas vezes contraditória. A própria designação pós-modernista não quer dizer quase nada sobre as coisas que designa, a não ser que se trata de manifestações posteriores ao Modernismo, o que nem sempre é esclarecedor, nem mesmo exato. Sem aprofundar essa discussão, mas chamando a atenção para o fato, lembramos que são muitos os autores ou movimentos literários dignos de menção nesse período. No entanto, dada a natureza sintética deste texto, que deve apenas fornecer as referências básicas para a situação das obras a serem estudadas, destacaremos apenas três nomes:

João Cabral de Melo Neto – poeta (*A Pedra do Sono*, *Morte e Vida Severina*, *A Educação pela Pedra*, *Agrestes*);

Clarice Lispector – ficcionista – (*Perto do Coração Selvagem*, *O Lustre*, *A Maçã no Escuro*, *Água Viva*, *Laços de Família*, *A Hora da Estrela*);

João Guimarães Rosa – (*Sagarana*; *Grande Sertão, Veredas*; *Corpo de Baile*; *Primeiras Estórias*; *Tutaméia*; *Estas Estórias*; *Ave, Palavra*).

Esses três nomes constam entre os maiores da literatura brasileira e, quem sabe, universal. Cada um deles já mereceria um estudo profundo e extenso, o que, já dissemos, transborda os limites deste texto.

No entanto, é preciso dizer, sobre Guimarães Rosa cujo livro *Primeiras estórias* integra a lista de obras da Fuvest.

João Guimarães Rosa produziu um dos maiores abalos a que o solo da literatura nacional já assistiu. Seus textos foram desde o início elogiados ou criticados com veemência, o que dá uma medida do caráter perturbador que possuíam. Em pouco tempo, a literatura crítica sobre Guimarães Rosa se avolumou dentro e fora do país. O seu nome se fez respeitar por escritores e críticos de diferentes idades e nações. A marca mais característica de suas obras foi o alto teor de invenção linguística nelas contido. Trabalhando basicamente os temas ligados à vida do homem do sertão brasileiro, com uma cultura de cidadão do mundo, Rosa produziu uma obra regionalista e ao mesmo tempo universal. Comparado aos maiores romancistas do século, sobretudo ao irlandês James Joyce, Rosa insistia em afirmar a especificidade de sua relação com a palavra, que ele dizia ser de natureza meta física, já apontando com essa declaração a forte impregnação mítico-religiosa de sua obra. Em muitas de suas estórias, o mistério, a possibilidade de milagre, o caráter encantatório da poesia, as lutas de Deus e do diabo no interior na alma humana são os aspectos centrais. Ler Rosa é aventurar-se na travessia do mistério da existência humana e é também vivenciar uma das maiores proezas já realizadas no idioma português. É preciso ler Rosa, é preciso ouvi-lo.

Para finalizar esta apresentação, um trecho de uma entrevista por ele concedida a um crítico alemão chamado Gunter Lorenz:

LORENZ: Uma vez você me disse que quando escreve quer se aproximar de Deus, às vezes demasiadamente. Certamente, isto também se relaciona com a língua. Como se deve entender isso?

GUIMARÃES ROSA: Isto provém do que eu denomino a metafísica de minha linguagem, pois esta deve ser a língua da metafísica. No fundo é um conceito blasfemo, já que assim se coloca o homem no papel de amo da criação. O homem ao dizer: eu quero, eu posso, eu devo, ao se impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação. Eu procedo assim, como um cientista

que também não avança simplesmente com a fé e com pensamentos agradáveis a Deus. Nós, o cientista e eu, devemos encarar Deus e o infinito, pedir-lhes contas, e, quando necessário, corrigi-los também, se quisermos ajudar o homem. Seu método é meu método. O bem-estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original. Meditando sobre a palavra, ele se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação. Disseram-me que isto era blasfemo, mas eu sustento o contrário. Sim! a língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer o diabo, inimigo de Deus e do homem. A impiedade e a desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal.

LORENZ: Então, novamente, também na língua o compromisso humanista, o “compromisso do coração”, do qual você falou.

GUIMARÃES ROSA: Sim, é isso. Você, meu caro Lorenz, em sua crítica ao meu livro escreveu uma frase que me causou mais alegria que tudo quanto já se disse a meu respeito. Conforme o sentido dizia que em *Grande Sertão* eu havia liberado a vida, o homem, *von der Last der Zeitlichkeit befreit* (Liberto do peso da temporalidade). É exatamente isso que eu queria conseguir. Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida em sua forma original. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo “compromisso do coração”. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve.

LORENZ: Na verdade você está de acordo, depois de tudo o que disse, em ser chamado de revolucionário da língua? A expressão “revolucionário” está tão desgastada, que mal pode fazer justiça ao que você define como língua e relação para com a língua e dever desta.

GUIMARÃES ROSA: Você disse justamente o certo! Não sou um revolucionário da língua. Quem afirme isto não tem qualquer sentido da língua, pois julga segundo as aparências. Se tem de haver uma frase feita, eu preferia que me chamassem de reacionário da língua pois quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem. Veja como se tornam insensatas as frases feitas, tais como “revolucionário” ou “reacionário”, quando as examinamos em função de utilidade, quando a gente as toma *beim Wort nimmt* (Toma literalmente), como dizem os alemães.

LORENZ: Você não é nenhum revolucionário, embora ponha a língua toda de cabeça para baixo e trabalhe para o futuro. Você recusou noções como genialidade e intuição. Como explica seu processo de criação, aquilo que denominou “chocar” seus livros?

GUIMARÃES ROSA: Escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista. Naturalmente, pode explodir no ar. A Alquimia do escrever precisa de sangue do coração. Não estão certos quando me comparam com Joyce. Ele era um homem cerebral, não um alquimista. Para poder ser feiticeiro da palavra, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, é preciso provir do sertão.

Diálogo com Guimarães Rosa, Günter Lorenz, em *Guimarães Rosa*, Coleção Fortuna Crítica, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1991.

Sinopse

A sibila, publicado em 1954, é a obra mais importante de Agustina Bessa Luís; o sucesso de crítica e público do romance transformou-a em uma das melhores autoras da literatura contemporânea portuguesa, ao que viria a ser confirmado posteriormente pela sua vasta produção literária.

Historicamente, o romance situa-se na terceira fase do Modernismo português, o chamado Neo-Realismo, iniciado na década de 1940, que retomava princípios da escola Realista/Naturalista do século XIX. Mas muitos críticos literários não concordam com o enquadramento da autora nessa corrente da literatura portuguesa, em razão de suas peculiaridades.

A sibila volta-se para a vida da província portuguesa, registrando a história de uma família entre as décadas finais do século 19 e as iniciais do século 20. A autora adota técnicas narrativas modernas, em que subverte a utilização dos elementos tradicionais da narrativa para entrelaçar histórias de vários personagens, contadas com recuos e avanços no tempo.

O eixo da narrativa é a personagem Quina, a sibila do título; mulher cuja sensibilidade desenvolvida apreende de maneira privilegiada o universo que a rodeia, mas que não percebe nunca, de fato, a extensão dos seus poderes, utilizando-os para satisfazer sua vaidade e, ao mesmo tempo, reconstruir para si o patrimônio de sua família, cuja trajetória é contada ao longo do romance.

Guardadas as devidas diferenças, pode-se dizer que em *A sibila* temos uma espécie de “regionalismo universal”: a linguagem criativa da autora constrói um mundo quase mítico a partir do registro da vida na província portuguesa. O narrador, espécie de demiurgo, vai tecendo uma sofisticada teia de relações entre os personagens, revelando a complexidade dos seus caracteres, com base nas divagações livres em que busca apreender em cada uma a essência do ser humano. Talvez possamos dizer que *A sibila* é um “romance reflexivo”, considerando não a carga de racionalidade agregada à expressão, mas o fato de que nos leva a indagar sobre o sentido misterioso do destino das muitas mulheres que dominam o primeiro plano da narrativa no romance.



Resumo do enredo

Capítulo I

Os primos Germana e Bernardo Soares conversavam aqui, nessa mesma casa da quinta, reconstruída depois de um incêndio por alturas de 1870. A mesma quinta, a mesma vessada, o mesmo montado, aforados à Coroa há mais de dois séculos, pertencentes sempre à mesma família de lavradores.

Bernardo percebe que a prima não o ouve, alheada de tudo, submetida a uma presença invisível que preenche tudo. E bruscamente Germa começou a falar de Quina. *Ah, Quina, tão estranha, difícil, mas que não era possível recordar sem uma saudade ansiada, quem fora ela?*

Joaquina Augusta nascera há 76 anos naquela mesma casa. Tão moribunda que se diria impossível sobreviver.

Sua mãe, Maria da Encarnação, tinha 9 anos quando conheceu seu pai, Francisco Teixeira, 20 anos mais velho. Maria tentava atravessar um córrego inundado durante uma chuva, quando apareceu Francisco, que a levou para casa e pediu que cuidassem bem dela, pois se casaria com a menina. Era o maior conquistador da região, pouco dado ao trabalho, muito dado às aventuras, muito belo e cobiçado por todas as moças.

Casaram-se 11 anos depois, às escondidas. Francisco queria se livrar de qualquer compromisso com uma de suas amantes, Isidra, mulher de posses, sensual e indomada, que estava grávida dele. O desejo do homem era manter o casamento em segredo, mas Maria fugiu de casa, cansada do abandono a que fora atirada pelos ciúmes das irmãs, e dos muitos pretendentes que a assediavam, e foi para a quinta do marido.

Pouco depois de sua chegada, ocorreu o incêndio. Francisco, como sempre, não estava em casa: divertia-se em uma de suas tantas aventuras. Maria não derramou uma lágrima durante o incêndio. Quando chegou à casa destruída, o marido aproximou-se lentamente, alisou o xale da esposa, arrependido da ausência, e consolou-a.

Francisco nunca seria fiel, mas Maria o amaria sem reservas, aceitando com doçura as suas amantes, e cuidando do seu homem. No fundo, ele nunca a deixara, nunca a deixaria, por nenhuma outra, ela sabia. Morreu muito velha, quarenta anos depois de Francisco, mas ainda a se lembrar dele, a vê-lo nos filhos que iam para o campo.

Capítulo 2

Isidra não procurou mais Francisco desde o rompimento do romance. Mas ele se preocupava com o destino que ela daria ao filho. Pagou espões para vigiá-la, e quando soube que a mulher pretendia entregar a criança “à roda”, deu um jeito para que esta fosse trazida até ele. O menino foi bem criado, mas longe da casa, e futuramente se tornou um homem honrado, que era sempre bem recebido por Maria. Isidra casou-se velha, com um magistrado, e foi morar no Porto.

Francisco nunca mudou seus hábitos. Suas aventuras eram inumeráveis e o lar, apenas um pouso. “Maria viveu um inferno de desesperos mudos, e a sua reprovação manifestava-se apenas pelo silêncio (...)”. Mas se lembraria daqueles anos, mais tarde, com ternura.

Os três primeiros filhos, Maria perdeu-os. Provavelmente por alimentar-se mal ou não se alimentar: se o marido não aparecia para jantar, jogava fora toda a comida, e passava fome frequentemente. Foi Narcisa Soqueira, vizinha criadora de porcos, suja como eles, quem a aconselhou a comer sempre. Um ano depois nasceu Justina (Estina); depois Joaquina Augusta (Quina) e mais três filhos homens: Abílio, João e Abel.

O coração da mãe ocupou-se todo de Estina. Enquanto a irmã era criada com mimos, Quina, mesmo sendo tão miúda, era submetida a um excesso de trabalho bruto da casa. Isto fez com que ela crescesse

prematuramente, orgulhosa, disciplinada. O pai tentava defendê-la, e entre os dois nasceu uma cumplicidade secreta.

Balbina, a irmã mentirosa de Maria, era madrinha de Quina. Às vezes, por ocasião das sachas ou das esfolhas, vinha buscar a afilhada; que lhe servia de mão-de-obra gratuita. A madrinha gostava das relações importantes, das pompas. Admirava um seu irmão, José, que imigrara e fazia fortuna, e outra afilhada, Elisa Aida, que se casara com um tio rico e se tornara condessa de Monteros. Apesar de fidalga, Elisa desprezava os luxos; o mito criado em torno dela por Balbina impressionou a meninice de Quina.

Outro que marcou sua infância foi José do Telhado, ladrão lendário da região, amigo do seu pai, que volta e meia se refugiava na casa da família. Quando o marido não aparecia, Maria dormia com os filhos em sua cama. Certo dia, perseguido depois de uma fuga espetacular, ele por lá apareceu. De manhã, Quina foi espreitar o quarto. A mãe descobriu-a e começou a lhe bater com força. O pai saiu em sua defesa, e ela então perguntou pelo “homem que tinha uma ferida”. Havia ela visto o homem?, retornou o pai. Não, mas adivinhara. Marido e mulher se entreolharam; Maria murmurou palavras de esconjuro.

Capítulo 3

Estina cresceu muito bela e prendada. Sua educação era primorosa, e tornou-se, com o tempo, confidente da mãe. Eram ambas reservadas e pouco sentimentais, indolentes no trabalho, preferindo as tarefas que se faziam sentadas. Os trabalhos que exigiam maior energia eram para Quina. Mas eram muito amigas as irmãs.

Impressionava a Maria a “máscula altivez” de Quina, a vontade com que se dedicava a tudo que na vida lhe apaixonasse. Possuía ela de sobra a força que faltava aos filhos homens, que puxavam ao pai na vida sem responsabilidades, volúvel e cheia de luxúrias. Abílio morreria cedo, logo passada a adolescência, após retornar de uma fracassada tentativa de fazer fortuna no Brasil. João e Abel, com o tempo, ascenderam à condição de burgueses.

A “fanfarronice estróina” de Francisco Teixeira começava a fazer estragos na Vessada. Faltava dinheiro para tocar a quinta, para sustentar a casa. Doía a Maria que as meninas não se vestissem decentemente, que o marido não se emendasse. Pelo contrário, com o tempo foi perdendo qualquer decoro; velho garanhão, assediava as criadas. Certa feita, alertada por Narcisa, a mulher armou-lhe uma armadilha: Francisco confundiu-a com uma empregada e agarrou-a despudoradamente. Ficaram 15 dias sem se falar. Mas Maria não permitia que falassem mal dele.

Mais tarde, levou para dentro de casa uma caseira, sua amante. Uma vergonha e um sofrimento para toda a família. Maria expulsou-a, mas ela foi viver perto dali. Depois de ser abandonada por Francisco, a moça caiu na prostituição. Nasceu-lhe um filho que ela atribuiu ao ex-amante. Ele a repudiou. A moça, moribunda e miserável, foi socorrida por Maria e suas filhas.

“Quina não era bonita. Tinha de seu pai a estatura, que era pequena, e as falas um tanto capciosas, o gênio profundamente equilibrado. Possuía a virtude de ser frívola penas com as coisas frívolas, e, o que era mais, compreender exatamente onde havia, de fato, frivolidade. Todos os seus defeitos eram, um por um, os de tia Balbina, sua madrinha. Era, como ela, mentirosa e chicaneira, gostava de grandes relações e não tolerava tudo quanto não conseguia obter. O apuro de educação com que fora criada Estina faltou-lhe a ela, e Quina empenhava-se em demonstrar que superaria sempre essa ou qualquer educação.”

Quando a casa viu-se envolvida em questões de justiça por causa de água, entregou-se àquilo com uma fúria prazerosa. Perderam. A Vessada definitivamente soçobrava. Por este tempo, chegou do Brasil, do Pará, um filho de Narcisa que fizera fortuna. Ele levou a mãe a passear, cobriu-a de atenção e luxos, mas aquilo a exasperava, e assim que ele partiu, ela voltou aos seus porcos. Esse homem inspirou Abílio a tentar a sorte no Brasil. Voltou doente e morreu muito jovem. Francisco Teixeira se lhe seguiu. A família sofreu a perda, mas suspirou aliviada. Seu filho bastardo foi recebido com honras. Quina pensava no pai com devoção, mas Estina guardava-lhe um rancor: não havia deixado dote, o que a impediu de se casar com um mestre-escola bonito e elegante chamado João Romão. Esmoreceu tanto que causava piedade.

Até a morte do pai, havia muitos pretendentes para ela. Um lhe interessava, Adão, rapaz dotado para os valores econômicos. Herdara do avô um gênio acumulador. Por isso a morte de Francisco Teixeira e as pesadas dívidas que deixou abalaram seus planos, afinal ele gostava de Quina. Ela o poupou de maiores constrangimentos, aconselhando-o a se casar com outra, de maior fortuna.

À noite, Quina rezava:

“Abençoi os nossos campos, para que eles tenham água e nos dêem pão. Abençoi a nossa casa, o nosso gado, os nossos criados. Abençoi os nossos frutos, que tudo aconteça para bem. Levei para longe a fome, a peste, a guerra e os amigos que mentem. Fazei-nos humildes na riqueza, orgulhosos na desgraça, sábios em desejar, corajosos em receber a ofensa, valentes em cumprir a vida e a morte. Abençoi também os nossos moinhos e os caseiros deles, que não pagam a renda há tanto tempo...”

Capítulo 4

Quando o pai morreu, a situação de Quina já era outra na casa da Vessada. Não tinha 15 anos quando caiu gravemente enferma, vítima de uma síncope. A doença durou mais de um ano. Tinha ataques freqüentes, delírios, ou ficava horas sorrindo para o vazio, segurando tardes inteiras um rosário que passava e repassava febrilmente. O pai trazia-lhe presentes, a mãe fazia-lhe promessas, em vão.

As vizinhas, lideradas por Narcisa, prediziam a sua morte, mas a doença estacionara. Seus momentos de colóquio durante os delírios, de devoção suave, aterrorizavam as mulheres, que passaram a ver nela poderes sobrenaturais. Os mimos viciaram-na, e se tornaram empecilho à melhora; Quina não queria perder os privilégios, o primeiro plano que conquistara na atenção de todos. Passou a explorar seu estado; expressava-se de forma sibilina e delicada, o que suspendia a atenção dos ouvintes.

Até mesmo o rico tio José, irmão dedicado de Maria, veio visitá-la, vindo do Porto. Tinha muitas e belas filhas, estacionadas na infância que a vida burguesa eternizava. Gostavam de Estina e levaram-na para Folgozinho, mas a personalidade séria de Estina não se acomodava ao ambiente infantil das primas. Voltou logo, a pretexto de cuidar de Quina, que tivera uma recaída.

Melhorou rápido com a volta da irmã, e daí a algum tempo já retornava aos poucos à vida cansada de antes, mesmo tendo sua vida agora cheia de apetites caprichosos, quase jejunos. Ganhou fama de adivinha entre as mulheres. De fato, sua capacidade de observação e conhecimento dos homens fazia dela uma pessoa de condição espiritual poderosa, cuja dimensão ela mesma nunca alcançou. Era medíocre: só utilizava seus dons no plano da vaidade.

Capítulo 5

À custa de muito trabalho duro por parte das mulheres, a quinta prosperou lentamente. Os homens saíam-se ao pai, aventureiros e dados aos amores. João era pouco ambicioso, trabalhava adestrando cães e como mecânico; Abel queria fazer fortuna e aventurou-se pelo mundo, sem obter sucesso. Os negócios da terra foram tocados pela mãe e pelas irmãs.

Estina – temerosa de que seus irmãos pusessem a perder sua parte na propriedade – casou-se com Inácio Lucas, homem de posses medianas. Foi viver com ele em Morouços, perto dali. Eram quase estranhos; em certos momentos, quase inimigos; nunca foram felizes ou comungaram realmente de amor. No entanto, quando ela morreu, ele afirmou: “A malquerença dela era tudo o que eu tinha; e enchia-me a vida...” Morreu poucos anos depois.

Estina encontrava-se com a mãe e a irmã no mosteiro, aonde ia ouvir missa. Maria e Quina tornaram-se mais próximas. Quina tinha jeito para os negócios, aos seus cuidados a casa da Vessada prosperava com segurança. Tio José veio para a província com as filhas quando estourou a Revolução do Porto, que trouxe a República.

Quina nunca se casaria, tornando-se mais tarde a dona da propriedade. Mas era visitada freqüentemente por Adão, o antigo namorado, que não prescindia de seus conselhos sobre todas as coisas, principalmente sobre os negócios. A freqüência e a intimidade dele lisonjeavam-na; compensando a solidão e a falta de um ombro forte ao seu lado. Sem os prazeres normalmente dados às mulheres, Quina procurou aumentar o seu prestígio e enriquecer.

Capítulo 6

A vida na quinta agitou-se um tempo por causa dos homens. João, sempre dado aos cães e às armas, anunciou certo dia que iria casar. A escolhida aborrecia muito a Maria. Era uma proprietária feia e madurona, que renegava suas origens do campo sem chegar a ser fidalga, sua personalidade morna e indefinida não agradava à sogra. Quina temia repartir com ela o comando da casa. Por isso sempre foi recebida com frieza na Vessada. Abel apareceu um dia, rico, com planos de reformar a casa e a quinta, mas foi um vento que passou. Foi-se embora e deixou as mulheres entregues ao rio de suas vidas.

Quina tornou-se amiga das fidalgas da sociedade, íntima dos seus segredos. Liam-lhe as cartas, pediam conselhos, o que fazia exultar sua vaidade; “–Viva a voeirinha, a sibila!”, diziam elas, alegres, ao vê-la entrar pequenina no seu passo saltitado. Mas o contato com aquele mundo mexia com seus nervos.

Certa noite, levantou-se incomodada para rezar e entrou em transe: “Quina rezou longamente; primeiro, proferindo palavras, depois, balbuciando-as apenas e logo penetrando numa densidade de idéia, numa obscuridade de pensamento que lhe esvaía os sentidos, que a deixava somente lúcida para a insistência penosa do coração. Sofria. O suor viscoso corria-lhe dos ombros, da frente, as suas mãos estavam petrificadas e pesavam-lhe no regaço. E também a sensação de sofrimento a abandonou, sentiu que se perdia numa dimensão estranha onde, dela, apenas existia uma consciência tênue mas brilhante, como um filamento de luz que ondula, prestes a ser partido, a escapar-se, a diluir-se. E, então, o medo fê-la regressar.” Apavorou-se e chamou pela mãe, que falou com ela até que adormecesse, exausta.

Uma das fidalgas que mais procuravam os conselhos de Quina era Elisa Aida, a condessa de Monteros. Abel, quando de passagem pela Vessada, interessou-se por ela e a cortejou, mas foi desdenhado. Quando ficou sabendo que a condessa se casaria de novo, ele se ofendeu, mas Quina o consolou: Elisa não voltaria a casar. Depois da partida de Abel e da colheita, Maria e Quina foram ao cemitério e encontraram a condessa, que lhe mandou um recado: queria-lhe falar.

Capítulo 7

A partir desse encontro, ficam amigas. Naquela manhã, conversaram apenas de amenidades, mas a familiaridade da conversa maravilhava sua vaidade. Ao final, a condessa pediu para que se encontrassem.

A condessa preferia a vida da província, onde podia exercer sua superioridade e exibir a sua riqueza sem se preocupar com as aparências e sem fazer muito esforço. Por causa de sua condição, recebia muitas publicações que não encomendara. Certa feita, quiseram lhe cobrar um livro de poemas. Ela devolveu o livro com um recado: “Não pegou...”. Recebeu de volta uma carta e a partir daí entabulou-se uma correspondência que a levou à paixão. Quando convidou o rapaz para aparecer, ele escreveu-lhe um cartão com as palavras: “Não pegou...”. Ora, Quina havia profetizado o fim daquele romance, e Abel, quando foi se despedir dela, fez com que ela o soubesse: “E ainda hoje minha irmã me disse que a condessa nunca mais se casaria!” Por isso mandara chamar Quina.

Desde a primeira consulta estabeleceu-se entre elas uma conversa muito animada e cordial, mas sem muitas intimidades.

Depois de sair da casa da condessa, Quina foi visitar a irmã, cuja filha única sofria alucinações. Os dois filhos homens haviam morrido em consequência da brutalidade do pai: um, por causa de lesões fatais advindas de um acesso de furor de Inácio Lucas; o outro sucumbira de pneumonia, resultado de uma gripe

mal curada, porque o pai o obrigara a levantar-se da cama para trabalhar. Mesmo instada pela mãe, Estina não abandonou o marido: não podia desonrar a família.

Capítulo 8

Com 40 anos, Quina estava cada vez mais rica, e muitos pretendentes lhe apareciam. Não pretendia casar-se, mas não os dispensava: recolhia as cortesias que, em pouco tempo, sabia, nunca mais lhe seriam ofertadas pelo caminho. Narcisa ainda sonhava em casá-la com o filho sujo e desbocado, mas aquilo era impossível. Quina dava-se bem com ele, que era uma figura engraçada, mas o homem era decididamente amigo dos porcos.

Em 1913, sua prima Adriana, filha de José, voltou a viver em Folgozinho. O marido a deixara por causa de uma amante. Procurou o consolo de Quina, que preferiu não se envolver. No ano seguinte, rebentou a guerra. O filho de Adriana foi chamado e ela voltou para o marido. Quina sorriu muito de tudo aquilo, afinal a prima era ainda uma criança, apenas.

Nas mãos de Quina, a casa da Vessada prosperava. Comprou a parte de João, cuja mulher queria viver na cidade. Tornou-se dona de metade da propriedade e foi muito elogiada por Adão, que sentiu uma farpa de arrependimento por não ter escolhido se casar com ela, tão hábil nos negócios. Inácio Lucas, de vez em quando, vinha fiscalizar a parte de sua mulher, mas só para irritá-la. Abel estava longe, casara-se com uma castelhana e nunca se interessara pelos negócios da quinta, até que soube da compra de uma pequena granja pela irmã. Então inquietou-se, roído pelo despeito.

Quina enriquecia. Mas a prosperidade trazia espinhos. Começaram a dizer dela que era desonesta, o que a amofinava. Amava a exterioridade, a riqueza, o poder, o nome, a vitória. Ostentava seus dons espirituais, julgando-se superior às forças de que era puro veículo. Quando se sentava ao lado de um moribundo, compenetrava-se do espetáculo para os que a estavam olhando. Foi assim quando o homem da velha Lisa morreu.

O camponês vivia em suas terras. Quando sua velha, Lisa, morreu, ele também foi se desenraizando da terra. Quina foi vê-lo. Havia vizinhos em volta, e ela protagonizou então o seu espetáculo: ficou o tempo todo ao lado do doente, rezando, compenetrada, atraindo a atenção de todos, satisfazendo sua monstruosa fome de vaidade. Depois que ele morreu, Quina voltou para casa absorvida pelo efeito de suas rezas sobre a pequena multidão, que chegara a se ajoelhar para que ela passasse, depois das últimas preces.

Como há muito o falecido não pagava pelo aluguel, Quina quis pegar os trecos da casa, mas a mãe achou que não ficava bem. Então, surpreendentemente, ela prontificou-se a pagar o funeral, com uma liberalidade incomum, o que pareceu bom agouro ao abade.

Maria e Quina sempre mantiveram boas relações com o padre. Elas sempre desconfiaram dele como de qualquer outro homem. Mas respeitavam-no muito; mostravam-se submissas perante a sua autoridade moral, e ele era muito bem tratado na Vessada.

Capítulo 9

Foi num dia chuvoso que o carteiro chegou com o “bilhete-postal” anunciando o nascimento de mais uma menina na família. Quina não gostava que lhe mandassem postais, que invariavelmente serviam a manifestações de intimidade do carteiro. Mandou-o entrar, serviu vinho e ficaram conversando, até que Maria acordasse e o expulsasse dali, recriminando Quina por ter embebedado o homem.

O nascimento de Germa não causava entusiasmo. Seria criada longe daquele mundo, sem identificação com o seu sangue. Além disso, Quina, em sua auto-suficiência, nutria pelas mulheres todas um misto de desdém e despeito: elas tinham dos homens dependência e amor.

Só conheceram Germa quando tinha dois anos. Receberam-na com uma “hostilidade afável”. Era uma criança obediente e calada, paciente, pouco meiga, e gostava de brincar sozinha. Aos sete anos, já fazia

parte do mundo daquelas mulheres. A vida na Vessada parecia-lhe mais natural e verdadeira. À artificialidade da criação superficial e burguesa que recebia em casa, contrapunha-se aquele sopro árido mas cheio de vida da avó e da tia.

Quina fazia para ela, quando muito menina, bonecas de pano às escondidas. Não fosse a mãe saber que ela agora mimava a criança com aqueles luxos nunca vistos na Vessada. Entre Germa e a tia, foi se criando uma cumplicidade. Eram por demais parecidas em suas contradições.

Maria estava muito velha, e impressionava a neta com sua caduquice, sempre a falar do marido como se estivesse vivo. Narcisa Soqueira morrera há tempos. Certo dia, Quina, com um prazer quase sádico, contou à sobrinha da repulsiva falta de higiene do vizinho, seu gosto pela sodomia, os vários filhos que não reconhecia para não lhes dar direito à herança. Germa achou tudo repugnante, que um homem daquele era impossível. Mas foi repreendida por Quina: era um vizinho de muito tempo; crescera ali ao lado e fora amigo nas dificuldades. “As coisas feias são tão próprias do mundo como as bonitas. Tu és muito nova, e, no colégio, não fazem outra coisa que tapar-te os olhos – o que é um engano, menina. Conhecer o mal é já uma defesa. Onde não há inocência, pode haver pecado; mas onde não há sabedoria, há sempre desgraça.”

“Germa ficava-se muda, cismando na complexidade daquela mulher, que acusava e defendia com o mesmo denodo de consciência. (...) Mas era Germa, de fato, muito nova, e não sabia que o que havia em Quina de contradição, incoerência, era o seu profundo conteúdo humano.”

Capítulo 10

Maria morreu. Tinha 94 anos e ainda um pouco do humor impávido e irreverente que a caracterizava. Quina fez força para que não percebessem, durante o enterro, o quanto sentia: não queria demonstrar fraqueza. Estina compareceu ao enterro, e podia-se ver ainda no seu rosto traços da antiga beleza. Germa não gostava dela, achava-a um tanto desumana no estoicismo com que suportava os reveses da vida.

Então, a filha doida de Estina desapareceu. Quina para lá se dirigiu com Germa. A irmã pediu-lhe que rezasse. Durante a oração, Germa é surpreendida pelo mistério: “Que acontece aqui? – pensou Germa. ‘Há em volta desta mulher um círculo que não posso transpor e que me torna invisível para ela. Parece não só que ela contempla alguma coisa que não vejo, mas que essa espécie de visão lhe é muito familiar. Não está surpreendida, mas até um pouco desatenta, não com o exterior do círculo, isso é evidente.’”

Inácio Lucas, como sempre, ostentava sua brutalidade contra a mulher, culpando-a pelo sumiço da filha. Quina discute com ele, acusa-o de ter deixado um seu cachorro comer metade da cara de um homem sem se mover para impedir. Lucas parte com os homens para procurar a filha nos campos. Germa tinha medo dele, embora fosse sempre muito afável com ela, como se fosse um avô, contando-lhe muitas histórias. No dia seguinte, ela e Quina partiram muito cedo e não o viram.

No caminho, Quina advertiu a sobrinha: “Menina, não te cases nunca. É a maior desgraça que pode acontecer a uma mulher”. Nisso passa Domingas, mulher do local, viúva duas vezes e muito feliz em seu terceiro casamento, com um rapaz bem mais moço que ela. Germa alfineta Quina, comentando alegre que pelo menos uma mulher parecia feliz no casamento. Quina replica que todo mundo sabia ter Domingas envenenado os dois maridos anteriores.

Capítulo 11

“Só decorrido um mês a louca foi achada, ou o que dela restava, numa das galerias duma velha mina. Foi reconhecida apenas pelas roupas; o cadáver decomposto jazia no solo areento, onde a água corria em filamentos ramificados.” Ninguém entendeu como conseguira entrar ali; provavelmente morreu comendo terra, apavorada pelos morcegos. Germa meditou muito sobre esta morte. Só dois anos depois, quando tinha 13 anos, voltou a ver Estina; continuava a mesma mulher estóica.

Quando Quina comprou a primeira propriedade, os irmãos se alvoroçaram. João vivia espremido em um apartamento pobre na cidade, naquela vida sem intimidade dos pobres urbanos. Dizia-se arrependido da venda da propriedade. Abel suspeitou da honestidade da irmã na partilha da herança da mãe, mas nada fez, pois acreditava que a herdeira de Quina seria Germa, a quem ele indignava com seus conselhos para que tratasse bem a tia tendo em vista a herança.

Mas assim que Germa entrou na adolescência, afastou-se da Vessada. Já não a atraía o ambiente escuro e solitário, os casos antigos, o cotidiano arrastado do campo. Por essa época faleceu a condessa de Monteros, que Quina nunca deixara de freqüentar. Deixara desamparado um criado de 28 anos, que trouxera muito jovem para a sua casa. Era bonito e de uma insolência simpática. Diziam-no protegido e até amante da condessa. Algum tempo depois da morte dela, apareceu na Vessada. Cativou Quina, que se tornou sua protetora. Precisava mesmo de alguém para ajudá-la a tocar as propriedades. Deu-lhe emprego de hortelão, com pouco salário. Ele obedecia-a e se mostrava dedicado.

Certo dia, quando Quina acordou, não o encontrou. Havia desaparecido. Retornou à noite, chorando muito: morrera-lhe a mulher, uma prostituta que muito amara e que lhe dera um filho que tinha já quatro anos e ainda não falava. Quina prontamente decidiu-se a cuidar da criança.

Capítulo 12

Aos 58 anos, dona Joaquina Augusta, da casa da Vessada, conservava uma esbelteza de rapariga, apesar de corcoveada e de cabelos brancos. Estava no apogeu de sua vivacidade, de suas capacidades de administradora e sibila. “Mas não passava duma mulherzinha inteiramente ignara, tola e vulnerável de coração, no dia em que aceitou em sua casa aquela criança e incondicionalmente a adotou.”

O menino foi batizado como Emílio, mas ficou-lhe o nome que davam aos sem batismo: Custódio. Foi criado agarrado às saias de Quina, totalmente dependente dela e por ela mimado. Para fazê-lo falar, a sibila recorreu à simpatia ridícula do fole. Mas era belfo, o rapaz, e nunca pronunciou o “l” com perfeição. O pai, de quem Quina não reconhecia qualquer direito sobre a criança, partiu certo dia para nunca mais voltar. Custódio herdou do pai os “olhares avaliadores de costumes e de bens”.

Alguns anos depois, Germa apareceu para visitar Quina. Fora enviada pelo pai, preocupado com aquela caridade que se transformara em uma ameaça aos seus planos sobre as propriedades da família. A sobrinha deparou com uma mulher acabrunhada pela timidez, falta da postura de invulnerável que ela sustentara tanto tempo com sua antiga vivacidade irônica. “O amor pela criança fizera-se nela tão devastador, tão profundo, que ela não ousava interrogar de frente a sua razão, que outrora era o seu orgulho mais fixo e mais soberbo.”

Quando viu o rapazinho, Germa entendeu alguma coisa: era um quase adolescente “espantosamente belo! Belo e fatal!” Entre Quina e Germa, havia secado o campo da cumplicidade. A tia a recebeu com frieza. Logo ao segundo dia, insinuou que partisse. Assim ela fez. Mas antes teve um encontro com Custódio, que caçava rãs, brinque para crianças muito mais novas que ele. Era um rapazinho boçal, sem entendimento, e que não se esforçava nem um pouco para parecer simpático. Partiu na tarde daquele dia.

Capítulo 13

Abel ficou preocupado com as notícias de Germa. Foi procurar o irmão, que se entretinha com dedicação às plantas do seu quintal. Há quase 15 anos não se falavam de perto; Abel sentia-se constrangido. Elogiou desajeitadamente o quintal do irmão, que ficou um tanto ofendido. João não quis falar de Quina. Tinha um certo rancor pela irmã, que enriquecera enquanto ele curti a pobreza. Abel saiu de lá arrasado. Ouvira já boatos de que Quina pretendia vender os Moinhos, notícia que sobressaltou até mesmo Quina. Afinal: eles haviam sido a única propriedade herdada por Maria. Afinal, era tudo boato.

Custódio aprendera rapidamente a dominar Quina. Nunca trabalhava, era caprichoso e ciumento dela. Exigia privilégios, e mesmo furtava às escondidas para satisfazer todos os seus desejos. Altercava períodos de doçura e agressividade. Quina tudo via e conhecia-o sempre mais, o que a fazia sofrer. Mas amava-o, e em tudo consentia.

Um dia, Custódio anteviu a morte do abade, confirmada por uma criada dele que chegou ao entardecer. A partir de então, ela o revestiu de uma dignidade acima da sua. Outorgou a ele uma espécie de direito de sucessão espiritual. Era uma maneira de superar a razão, que a mandava desprezar aquele que amava apenas por honra ou sentimento.

Capítulo 14

Quina envelhecia solitária e triste. “O seu egoísmo era em proporção ao seu amor pela vida; a sua abnegação era o desprendimento da mesma vida, o orgulho de quem a própria paixão submete e vence. Não parecia de todo uma criatura nem admirável, nem sábia, pois não passava duma mulher cujos defeitos eram expressivamente evidentes e cuja alma era, talvez, demasiado intrínseca para ser recortada em síntese. Possivelmente, era Quina uma destas pessoas de quem se diz não tem caráter, significando isto todo o turbilhão de aspirações, desejos, fraquezas, perversidades, mentira, audácia, medo e loucura, que pode ser encontrado no coração humano.” Nunca soubera expressar carinho. Mas “a fibra mais recôndita do seu ser era a ternura - a mais bela e mais rara ternura”.

Certa feita, Custódio perguntou-lhe de supetão o que ela lhe deixaria quando morresse. Ela respondeu: “– Que me és tu? Criei-te e dou-te de comer. Que esperas mais?” Ele bradou com escândalo: “Então que estou aqui a fazer?” Ela riu-se desajeitada; aquela punhalada sangraria muito tempo dentro dela.

Quando começaram seus problemas de saúde, Adão, que continuava a vê-la, aconselhou que se alimentasse bem e não se amargurasse com as contrariedades. Que eram muitas. Custódio fizera-se homem e francamente libertino. “A longos períodos de obediência e dedicação aparentes, acontecia uma exibição passageira de seu caráter de degenerado”. Na verdade, todo seu comportamento rebelde vinha da dificuldade de arranjar dinheiro da velha. Vivia caçando tesouros inexistentes escondidos pela propriedade.

Custódio tornou-se amigo de um bando de valdevinos, liderados por um certo Morte, que apresentou a Quina. Ela achou-o cativante, por isso decepcionou-se quando soube da prisão de todo o bando. Ele havia logrado-a. Ninguém denunciou Custódio, que escondia na propriedade o produto dos roubos do bando. Quando o bando foi transferido para uma colônia penal, Custódio chorou e não quis comer por dois dias. Quina sensibilizou-se com aquele sofrimento por um amigo perdido.

Capítulo 15

Uma pneumonia derrubou Quina na entrada do inverno; ela recolheu-se e não avisou a família. Mas a criada Libória avisou Inácio Lucas, que levou pela primeira vez um médico à casa da Vessada. Ela recuperou-se, mas exasperava durante a convalescença. Não lhe agradava que Libória estivesse o tempo todo em casa. A criada cometia pequenos furtos que atribuía a Custódio, de quem não gostava. O rapaz comprava-lhe a cumplicidade com vinho.

Custódio vivia na farra; entregue ao jogo. Às vezes ficava dias sem aparecer, e seu comportamento era cada vez mais reprovável. O único consolo de Quina era que ele não bebia, por isso não o julgava um caso totalmente perdido. Isso lhe ensinara a mãe.

“Durante as longas horas da sua doença, Quina viveu uma plenitude espiritual, rara e até única na sua vida. (...) era uma flutuação de sentidos tão finos que a concretização da idéia mais fugaz e simples chegava para os perturbar.” Chega a colocar-se num ponto exterior à vida, e achava-a desconforme.

Estina veio vê-la, mas partiu para nunca mais regressar quando a irmã foi considerada fora de perigos.

Adão também foi vê-la, o que a vexou, pois sentia-se velha e feia. Mentiu para ele ao dizer que os parentes tinham ido vê-la. Conversaram sobre testamento, e ela confessou ter o seu pronto. Ao final da visita, apareceu Augusto, o filho de Narcisa, que a repugnou muitíssimo.

Foi então que apareceu Abel. Convidou-a para ir até a cidade, onde teria mais recursos para se tratar, mas ela, de início, recusou-se. Disse-lhe que o seu problema era a velhice, afinal há nove anos ele não a via. Nove anos! Isso o fez calar-se e cismar. Seus olhos encheram-se de água (era mais emotivo, portanto superficial) à lembrança de fatos do passado por ele vividos naquela casa.

Abel procurou ser gentil com Custódio, que não lhe retribuiu as gentilezas, afastando-se da casa durante sua visita. Então ele lançou à cara da irmã todos os caprichos do rapaz que lhe custaram tão caro, as contrariedades, as humilhações. Quina ouviu-o calada, ruborizando, mas não abriu a boca. Esperou que o irmão se vexasse e voltasse atrás na palavra.

Contrariado, Abel foi procurar Estina, que ignorou ironicamente suas tentativas de intrigas contra Quina. Durante o farto almoço, ele apanhou-se admirando a velhice da irmã e do marido. Eram estátuas incomunicáveis, ligada pelo desamparo mútuo, pela ausência de afeto.

No dia seguinte, ao despedir-se de Quina, Abel reforçou seu convite para que ela fosse visitá-lo. Para sua surpresa, ela desta vez aceitou, o que lhe provocou “uma surda contrariedade, e uma centena de inconvenientes lhe acudiram ao espírito”.

Capítulo 16

Quina chegou à casa do irmão uma semana depois, levando apenas a roupa do corpo; desde logo demonstrou seu desinteresse pela família e a disposição de voltar logo à Vessada. Germa estava com 33 anos, era uma intelectual inativa que incomodava o pai com sua inteligência e ativez. Achou a tia muito velha, mas Abel não concordava: os planos de Quina para obter a quinta de Augusto (habilitar os muitos filhos ilegítimos após a sua morte para facilitar a venda para ela) não eram de quem estivesse à morte.

Como o ambiente demasiadamente burguês da casa de Abel lhe vexasse, foi para a casa de João, onde se sentia melhor. Preferiu a mulher deste à daquele, e arrependeu-se de um dia tê-la julgado mal.

Três dias depois da chegada, recebeu uma carta de Libória, dizendo que Custódio adoeecera em casa de Estina. Resolveu voltar imediatamente, mesmo sem pegar as radiografias e retornar ao médico.

Chegou em casa sufocada, um pouco raivosa de Custódio, cujo comportamento chamou a atenção e provocou falatório na freguesia. Encontrou-o sentado na eira, brincando com os cães. Ela o repreendeu, mas desarmou-se diante da alegria infantil do homem ao revê-la.

Sua doença fora a ausência de Quina: depois que ela partira, não mais se alimentara. Com a volta da velha, comeu bem e dormiu. Antes de se recolher, ela examinou bem todos os esconderijos onde guardava seus tesouros; estavam todos intactos. Entrou para o quarto e foi rezar.

Capítulo 17

Durante o verão, a doença debilitava o organismo de Quina, mas ela resistia, tentando esconder a decadência física. Quase nunca dormia. Libória fazia-lhe companhia e, depois que a empregada ia dormir, a sibila dedicava-se às recordações: lembrava-se da mãe, dos irmãos, dos tempos da infância, até de Narcisa Soqueira.

Mas eram as saudades do pai que mais lhe assaltavam. “Todo o seu coração conhecia ainda aquele conforto furtivo, amoroso, inquieto, da presença do pai.” Recordava-se da figura do pai enchendo a Vessada com sua chegada, assumia que nunca se casara porque temia que seu homem se parecesse com o pai. Custódio, com seus 24 anos, sem amigos, apenas um menino crescido, ranheta e mimado, cometia os mesmos erros e loucuras que Francisco Teixeira, e ela passou a aceitar aquela fatalidade que, no fundo, talvez amasse.

Uma noite, depois da partida de Libória, Quina passou muito mal. Quando vê Custódio entrar, chama-o com dificuldade e pede que ele traga o médico. Ele se desespera, atira-se sobre a cama aos gritos: “– Vossemecê não morre, não morre!” Ela o afasta e insiste ofegante que ele vá buscar socorro. O médico veio e disse que alguém da família devia estar sempre em casa. Libória passou a dormir na Vessada. Caso Quina piorasse, deveria chamar Estina, mas ninguém mais seria avisado.

Assim começou a agonia de Quina, que morria devagar com suas dores e recordações. Custódio, depois do susto, portava-se indiferente. Até um dia em que vê Libória saindo chorando do quarto de Quina; quis saber se a velha estava mal, e a empregada respondeu: “– Ela está a morrer, e sabe Deus o que te deixará”.

A partir dessa data, Libória diverte-se aterrorizando Custódio quanto ao seu destino. Ele pareceu envelhecer repentinamente. Certa noite entrou no quarto de Quina e perguntou: “– Vossemecê gosta de mim?” Ela sorriu mas não respondeu. Ele deu-lhe as costas e saiu.

Capítulo 18

Pela primeira vez em tantos anos, Quina recusou-se a receber Adão. Custódio mudou radicalmente de comportamento. Deixou as farras e praticamente não se afastava mais de Quina. Passou a cuidar da propriedade, fiscalizando-a até nos detalhes. Quando o médico lhe revelou que Quina só resistiria mais uma semana, alarmou-se e foi vê-la.

Recitou uma ladainha para fazê-la crer que somente ele se preocupava com ela, amava-a como sua mãezinha. Chorou a solidão em que ficaria quando ela morresse, e pediu que ela o fizesse herdeiro de tudo. De certa maneira, ela sabia que Custódio falava a verdade ao dizer que somente ele a amava e sofria por ela, mas também estava lúcida o suficiente para perceber que ele se aproximava como um abutre, interessado em lucrar com sua morte. E, definitivamente, a Vessada não pertencia a ela, somente, mas a sua família. Dar a ele seria roubar do próprio sangue. Custódio insiste em seus lamentos, em vão.

Enfim, Quina morreu. A sua mão deslizou para fora do leito, com a palma voltada para cima, “via-se-lhe no pulso a mancha arruivada, que ela, no mais inviolável segredo de si própria, acreditara sempre uma marca de predestinação”.

Capítulo 19

Germa chegou logo após Estina, que parecia nunca ter saído daquela casa em toda sua vida. Continuava impassível, sem demonstrar sentimentos. Adão já estava lá, assim como Augusto, com sua boca irrefreável mesmo naqueles momentos (“Eu cá era amigo daquela filha da mãe!”). Inácio Lucas foi quem botou ordem na confusão da casa. Custódio chorou muito durante a preparação do corpo, mas depois foi flagrado tocando uma alegre melodia em sua gaita de boca, pelo que foi repreendido por Germa. Quando o caixão desceu à sepultura, Augusto derramou sobre ele um imenso cesto de flores e chorou.

O testamento indicou Germa como única herdeira da Vessada. Apenas as propriedades adquiridas por Quina após a morte de Maria, sua mãe, ficaram para Custódio. Ele as desprezou. Continuou morando na casa da Vessada. Com o dinheiro da renda de suas propriedades, promoveu melhoramentos na casa, pelo que foi repreendido por Germa. Esta, depois de instar com ele por duas, três vezes, finalmente conseguiu afastá-lo da propriedade.

Estina cuidou dele durante um tempo, mas morreu ainda pelo verão, pedindo a Inácio Lucas que cuidasse dele. Ela, que tanto sofrera calada com a morte da irmã, mais do que com todas as outras, realizava um último ato de consideração por Quina. Inácio Lucas, mesmo velhíssimo, casou-se com uma velha parenta que desfrutara na juventude.

Custódio instalara-se no palacete da Água-Lavada na qualidade de agregado. Tinha duas propriedades e rendas suficientes para viver confortavelmente, mas precisava de um amo. Nada lhe pagavam, e ele causava

intrigas entre os empregados; como fosse um escravo perfeito, capaz dos atos mais sórdidos para agradar aos patrões, demoraram a despedi-lo. Quando isso aconteceu, ele se matou.

“Houve, em Morouços, um enviado daquela encantadora Adriana do Folgozinho que, na mocidade, tivera Estina na conta de prima dileta. Era o seu único neto. Germa viu-se diante dum certo Bernardo Sanches, um dândi da intelectualidade, que citava Paul Éluard, fazendo retinir muito as sílabas, com exaltação mais dogmática do que poética. Usava lunetas, por birra pedante, do mesmo modo que usava o seu casaco aberto atrás, no estilo que estivera em moda por volta de 1900 e que o povo, jocosamente, chamara ‘de aparta-barulhos’. ‘A família chegou, pois, ao seu auge – é preciso que pereça, então’ – disse, para consigo, Germa. Da casta de que, durante dois séculos, tinham brotado exemplares sempre mais complexos e curiosos donde se extraía, para florescer, o vírus do burguês, do mundano, do artista, restavam apenas ela e aquele murcho alfenim, muito calvo, amaneirado, incapaz de discernir a grandeza da vida senão por cópia doutros discernimentos. Tudo quanto fora vontade, pujança e alma original tinha esterilizado e desaparecia. E ela, Germa – ela?”

Ele e Germa encontravam-se na Vessada, como tantas outras vezes, em virtude de permuta de visitas a S. Miguel, quando vinham importunar os caseiros com novidades agrícolas e novas técnicas para o fabrico de vinho. À história de Quina, Bernardo opõe sua incompreensão: como podia Germa elevar a alturas de mito uma mulherzinha que se fazia passar por detentora de poderes sobrenaturais. Germa apenas balança-se na sua cadeira e ri. Enquanto o primo declama versos de Verlaine. Ela pensa em Quina.

“Eis Quina, exemplo de energias humanas que entre si se devoraram e se deram vida. Vaidade e magnífico conteúdo espiritual foram os seus pólos; equilibrando-se entre eles, percorreu um extremo e outro da terra, venceu e foi vencida, sem que, porém, as suas aspirações mais inquietantes deixassem de ser, no seu íntimo, as mesmas formas incompletas, chave da transfiguração que os homens eternamente tentam moldar e se legam de mão em mão, como um segredo e como uma dúvida.

Eis Germa, que, embalando-se na velha cadeira de balanço, pensa e pressente, sabendo-se atual relicário desse terrível, extenuante legado de aspiração humana. Nas suas veias, estão todos os infinitos estados do passado, no seu cérebro condensaram-se muitas e muitas experiências que não viveu, as negações e afirmações ocupam vastos espaços da sua alma. Ela move-se ritmicamente baloiçando-se naquela sala onde se recolhem em pilhas as maçãs; todo o ar recende a maçã que suga da própria pele a frescura e dela dessangra o suco que acrescentará a reserva da polpa viva, ainda por todo o inverno.

Eis Germa, eis a sua vez agora e o tempo de traduzir a voz da sua sibila. Talvez, porém, o seu tempo seja improdutivo e nefasto, e ela fique de fato silenciosa, porque quem é ela para ser um pouco mais do que Quina e esperar que os tempos novos sejam mais aptos a esclarecer o homem e a trazer-lhe a solução de si próprio? Talvez ela fique de fato imóvel no seu constante, lento ou vertiginoso baloiçar, na casa que fortuitamente habita, e a sua história fique hermeticamente fechada no círculo de aspirações que não conseguiu detalhar e cumprir, porque aconteceu ser cedo ou ser tarde, porque não se compreende ou não se crê o bastante, porque se deseja demasiado e isto é todo o destino, porque... porque...”

Personagens

Joaquina Augusta, a Quina, a sibila

Segunda filha que vingou do casamento entre Francisco Teixeira e Maria da Encarnação; nasceu muito fraca e pequena, e pareceu que não sobreviveria, mas vingou. Cresceu sem os carinhos da mãe, que os dava todos a Estina, irmã com quem muito se dava. Era cúmplice do pai, que a protegia. A dedicação, desde cedo, a trabalhos árduos criou nela maturidade, energia e resistência impressionantes. Depois de uma síncope, ainda na adolescência, ganha fama de sibila. Vaidosa, apegada aos brilhos mundanos, soube aproveitar-se da fama: tornou-se conselheira das mulheres da sociedade; respeitada por todos por causa dos seus conselhos e supostos poderes espirituais. Paciente, aos poucos vai se tornando uma mulher rica e poderosa, autoridade única na Vessada. Apesar do valor que dá aos laços de sangue, no apogeu de sua vida e fama adota uma criança, Custódio, a quem se apegue de maneira irracional. O rapaz cresce mimado, sabendo como dominá-la, retirando o brilho de sua personalidade. Ao morrer, reafirma seu apego às relações familiares, a família, deixando para a única sobrinha todos os bens que pertenciam tradicionalmente à família.

Francisco Teixeira

Pai de Quina; um conquistador aventureiro, pouco dado ao trabalho; desenvolve uma relação de amor e cumplicidade com a filha. Seu comportamento luxurioso, aventureiro e irresponsável acaba levando a Vessada à decadência.

Maria da Encarnação

Mãe de Quina; conheceu Francisco Teixeira, 20 anos mais velho do que ela, quando tinha 9 anos, casaram-se 11 anos depois. Suportava as traições do marido com uma “filosofia gracejadora e doce”; morreu muito velha, mais de 40 anos depois do marido, mas ainda se lembrava dele com cuidados de amor. Não esconde sua preferência por Estina, a filha mais velha, mas torna-se cada vez mais próxima de Quina quando ficam apenas as duas, já que Estina se casa.

Justina, a Estina

Irmã de Quina e muito sua amiga; primeira filha, é criada com mimos; bonita e prendada, torna-se infeliz depois da morte do pai, que não lhe deixara dote para o casamento com Luís Romão. Casa-se com Inácio Lucas, homem bruto e desconfiado, com quem é infeliz, mas mantém-se fiel para preservar sua honra. Mulher de um estoicismo impressionante, seus sentimentos são guardados, difíceis de desvendar para os que não a conhecem bem.

Inácio Lucas

Marido de Justina, homem embrutecido, vive com a mulher uma relação difícil, cheia de brigas e rancores, mas amava-a ao seu modo.

Abílio

Irmão de Quina; morre muito jovem, depois de retornar do Brasil, para onde viera a fim de tentar fazer fortuna.

João

Irmão de Quina; na juventude apaixonado por cães e armas; casa-se com uma mulher que desdenha as origens camponesas e o força a vender sua parte nas terras para Quina, a fim de se mudarem para a cidade, onde fracassa e vive um certo rancor de ver a irmã prosperar enquanto ele decai.

Abel

Irmão de Quina; corre o mundo para fazer fortuna; enriquece e empobrece; passa a sentir despeito por Quina quando a irmã faz a propriedade da Vessada prosperar e enriquecer. Pai de Germa, preocupa-se com assegurar para a sobrinha a herança da irmã. Suas atitudes interesseiras indignam a filha, mas suas intrigas para manipular a irmã e favorecer a filha têm resultado nulo.

O filho bastardo

Filho de Francisco Teixeira com Isidra; é bem recebido na Vessada por ocasião da morte do pai. Era homem honrado.

Adão

Sétimo filho homem de uma família de ambiciosos; pretendia casar-se com Quina, mas as dívidas deixadas por Francisco Teixeira fazem com que ele prefira uma moça de melhor dote. Mesmo assim, torna-se amigo constante de Quina, buscando-lhe sempre os conselhos. Ao vê-la tão diligente e esperta nos negócios, sente uma ponta de arrependimento por não ter se casado com ela.

Balbina

Uma das irmãs de Maria; tia e madrinha de Quina. Dela, Quina herdou a capacidade da mentira e da intriga, bem como o gosto pelas “grandes relações”.

José

Irmão rico de Maria; suas filhas gostavam de Estina, que não se sentia bem entre elas, por uma diferença de maturidade.

Elisa Aida Fattoni, condessa de Monteros

Afilhada de Balbina que se torna fidalga depois do casamento, despreza o luxo e a nobreza; foi um mito que marcou a infância de Quina. Mais tarde, ela se torna uma das mulheres que mais solicita a companhia e os conselhos da sibila.

José do Telhado

Ladrão lendário, amigo de Francisco Teixeira, escondia-se às vezes na casa de Quina. As histórias que se contavam dele impressionavam-na quando menina.

Narcisa Soqueira

Vizinha da casa de Quina; criadora de porcos, pouco higiênica, é bastante apegada à terra e amiga dos vizinhos.

Augusto

Filho de Narcisa; consegue ser ainda mais imundo que a mãe; é sórdido, desbocado e medroso, mas Quina se dá muito bem com ele.

Isidra

Burguesa de nome, interessa-se por Francisco Teixeira, com quem mantém uma relação fogosa; indomável, em pouco tempo cansa o conquistador. Quando ela engravida, ele se casa secretamente com Maria para não ter que assumir compromisso com ela.

Bernardo Sanches

Primo distante de Germa, filho de Adriana, neto de José, o tio rico de Folgozinho. “Pertencia ele ao ramo da família que do capitalismo ascendera ao posto imediato da intelectualidade e nisso fixara

uma aristocracia”; “(...) considerava a cultura como um privilégio pessoal (...).” Como parentes distantes, descendentes e herdeiros únicos, burgueses afogados em cultura, ele e Germa acabam se relacionando.

Adriana

Prima de Estina, são muito próximas quando crianças e adolescentes.

Germa (Germana)

“Ela tinha o espírito de parecer vulgar.” Apesar de também participante do mundo das artes, em nada se parecia com Bernardo, era apagada, paciente e tímida; “a sua história fora uma questão de sobrevivência, mas que, com a segurança e o conforto, resultara numa brilhante mediocridade”. “Um dos seus prazeres consistia em analisar-se como o conteúdo de todo um passado, elemento onde reviviam as cavalgadas das gerações, onde a contradança das afinidades vibrava uma vez mais, aptidões, gostos, formas que, como um recado, se transmitem, se perdem, se desencontram, surgem de novo, idênticos à versão de outrora.” Na infância, liga-se à avó e, principalmente, à tia, com quem estabelece certa cumplicidade, resultado de uma certa identificação de personalidades. Torna-se a única herdeira de todos os bens da casa da Vessada. De certa maneira, a voz do narrador ecoa a sua, depositária que é da história de Quina, e de alguma maneira a responsável pela continuidade da família.

Custódio

Filho de um criado desamparado de Elisa Aida que fora acolhido por Quina quando da morte da condessa de Monteros. Chegou à Vessada com quatro anos, ainda sem falar. Criança abobada, que nunca aprendeu a pronunciar corretamente os “eles” (“I”), cresceu muito belo, excessivamente mimado pela sibila. Era a paixão e o sofrimento de sua velhice. Mesmo depois de homem feito, vivia na vadiagem, sôfrego pelo dinheiro de Quina, dominando-a completamente. Apesar de tudo, amava-a. Quando ela morre, sem ter sua proteção nem herdar a casa da Vessada, acaba se matando.

Libória

Criada de Quina, rouba-lhe às vezes alguma coisa da casa, culpando Custódio. Não gostava do rapaz, mas ele comprava sua cumplicidade com vinho.

Foco narrativo

Temos um foco narrativo em terceira pessoa. A autora faz um uso bastante eficiente desse tipo de narrador, transformando-o em uma espécie de demiurgo, que, ao interpretar e traduzir para o leitor as atitudes dos personagens e sua riqueza interior, revela-nos o sentido mais profundo e misterioso de suas vidas. O narrador não se preocupa com organizar objetivamente os fatos que narra no tempo cronológico; interessa-lhe entretecer os acontecimentos das vidas dos personagens no plano maior dos seus destinos e dos mistérios que eles parecem sempre guardar.

Fica insinuado pelo narrador que a depositária das histórias que ele vai narrar é Germa, a sobrinha e herdeira de Quina. No início da narrativa, ela está na casa da Vessada com Bernardo; enquanto conversam, ela vai se alienando e transportando-se para o mundo da tia. “E, bruscamente, Germa começou a falar de Quina.” A partir daí, temos a narrativa de todas as histórias envolvendo Quina e sua família, apenas ao final retorna-se para a cena em que estão presentes os dois primos. Germa continua na mesma cadeira em que estava ao começar a falar de Quina.

Temos no romance um tempo circular: a história termina onde começou: na sala da casa da Vessada onde estão conversando Germa e Bernardo.

Não há uma marcação precisa do tempo cronológico na narrativa, apenas indicações esparsas e imprecisas. Germa, em sua conversa com Bernardo, diz que a casa da Vessada foi reconstruída por volta de 1870, pouco depois da chegada de Maria da Encarnação para viver junto com Francisco Teixeira. Quina nasce depois de sete anos que eles se casaram, e assume a direção dos negócios da quinta mais ou menos à época da Revolução que implantou a República em Portugal (1910). Em 1913, Adriana, filha do tio José, prima de Estina e Quina, vem morar em Folgozinho, indo embora quando rebenta a Primeira Guerra Mundial (1914). Quina tem 58 anos quando atinge o seu “auge”, já tendo trazido Custódio – razão de sua decadência – para sua companhia.

Como o casamento entre Maria e Francisco ocorreu por volta de 1870, e Quina nasceu sete anos depois que eles estavam casados (por volta de 1877, portanto), seu auge ocorreu por volta de 1935. Na conversa entre Germa e Bernardo, ficamos sabendo também que Quina nascera naquela casa há 76 anos, portanto a conversa entre os primos se dá por volta de 1953.

A imprecisão nas indicações de passagem do tempo, e principalmente na associação de cada episódio relevante da narrativa a uma data, é intencional. Predomina na narrativa o chamado “tempo psicológico”: o que interessa são os diferentes estágios das vidas das personagens narrados e analisados a partir do impacto dos fatos sobre a construção de suas personalidades. Daí que o narrador recorra constantemente ao *flash-back* (a volta no tempo, recuperando acontecimentos do passado) e ao *flash-forward* (o salto no tempo, antecipando acontecimentos futuros; também chamado de *flash-ahead*¹), entretecendo situações relacionadas que nos ajudam a compreender melhor o oculto de cada fato ou gesto na vida dos personagens.

Nota-se que o narrador opta no romance pela ucronia, isto é, a impossibilidade de situar alguma coisa no tempo. O “verdadeiro tempo”, parece nos dizer o narrador, é o tempo da “verdade de cada ser humano” (que não se constrói em um intervalo de tempo possível de ser demarcado), e esta nos revela uma “verdade sobre o ser humano”, sobre o homem universal e sua história (sempre cheia de inquietações e mistérios) na face da terra:

“É esta a mais grandiosa história dos homens, a de tudo o que estremece, sonha, espera e tenta, sob a carapaça da sua consciência, sob a pele, sob os nervos, sob os dias felizes e monótonos, os desejos concretos, a banalidade que escorre das suas vidas, os seus crimes e as suas redensões, as suas vítimas e os seus algozes, a concordância dos seus sentidos com a sua moral. Tudo o que vivemos nos faz inimigos, estranhos, incapazes de fraternidade. Mas o que fica irrealizado, sombrio, vencido, dentro da alma mais mesquinha e apagada, é o bastante para irmanar esta semente humana cujos triunfos mais maravilhosos jamais se igualam com o que, em nós mesmos, ficará para sempre renúncia, desespero e vaga vibração. O mais veemente dos vencedores e o mendigo que se apóia num raio de sol para viver um dia mais equivalem-se, não como valores de aptidões ou de razão, não talvez como sentido metafísico ou direito abstrato, mas pelo que em si é a atormentada continuidade do homem, o que, sem impulso, fica sob o coração, quase esperança sem nome.” (capítulo 19)

¹ O uso das expressões *flash-forward* e *flash-ahead* é um tanto incomum. Na análise literária, a expressão *flash-back*, na opinião de alguns manuais, pode designar tanto um retrocesso quanto um avanço no tempo, indicando simplesmente a mudança de direção no tempo da narrativa.

O espaço principal da narrativa são as terras da quinta (propriedade rural) da família de Quina, aforadas² à Coroa “há mais de dois séculos”. A casa da quinta é chamada simplesmente de casa da Vessada. “Vessada” é um substantivo comum, que significa “terra fértil e regadia”, utilizado no caso como próprio, dando nome à propriedade.

Temos portanto um espaço de província. Aliás, um dos aspectos notáveis do livro é a valorização do apego ancestral à terra, que é quase sinônimo de apego à tradição familiar e a uma sabedoria construída no contato direto com a natureza. O espaço urbano, a cidade, significa um certo rompimento do homem com a tradição e, portanto, com uma sabedoria milenar e intuitiva, construída na noite dos tempos, que aos poucos vai se perdendo.

Quina é o maior exemplo desse apego à terra e dessa sabedoria intuitiva e primordial. A história da família converge para ela porque será a última a cuidar diretamente da terra que contém a história do seu sangue. Germa, a herdeira, já é uma mulher de vida burguesa (de “burgo”, cidade), que não chega a penetrar completamente no mistério de Quina, apenas o percebe, por ter uma sensibilidade e uma personalidade parecidas com as da tia. Como herdeira, limita-se a fiscalizar a propriedade, receber suas rendas e tentar promover o seu progresso (ensinando técnicas modernas aos arrendatários). Percebemos isso no último capítulo. Quando, depois da morte de Quina, Custódio se recusa a deixar a Vessada e promove melhoramentos na casa, ela o repreende:

“– Não quero melhoramentos aqui. Aproveita o teu dinheiro doutra maneira – disse-lhe.

– A casa, então, bem pode cair...

– Deixa cair, que está no seguro – contestou Germa, desabrida.”

Ou seja, parece ter-se perdido o vínculo sagrado entre o homem e a terra, que vira simplesmente “propriedade”, não mais “casa”, no sentido mais amplo e afetivo da palavra.

2 Aforamento - dar a alguém o gozo de um imóvel ou propriedade, durante um certo tempo, mediante o pagamento de um foro (quantia, pensão).

Linguagem

A sabedoria popular está presente também na linguagem dos personagens de *A sibila*. Ao longo da narrativa, temos o uso de aforismos que revelam uma visão sábia e prática da vida. Tome-se por exemplo este trecho, quando Quina encontra-se pela primeira vez com a condessa de Monteros (capítulo 7):

“Dirigiu-se a Quina como se se tratasse duma velha amiga perante a qual as cerimônias nem lembram e são supérfluas.

– É maluquice minha, mas eu queria que me dissesse uma coisa: se alguém a ofendesse muito, perdoava, retribuía ou esquecia?

– Perdoava a uma criança, retribuía a uma mulher; tratando-se de homem, esquecia.”

Como você deve ter percebido pelos trechos que leu no resumo (e perceberá mais fortemente nos trechos selecionados para leitura, mais à frente), a linguagem do romance é de uma densidade que a aproxima fortemente da poesia. As palavras não dão conta apenas de descrever o mundo real, mas pretendem fazer o leitor penetrar na complexidade e nos mistérios que rondam a vida dos personagens (Quina em particular), daí ser uma linguagem que procura ir além das aparências, principalmente nos comentários e nas análises que o leitor vai fazendo dos fatos narrados.

Outro recurso utilizado largamente pelo narrador para permitir ao leitor penetrar nos recônditos da personalidade dos personagens é o uso do discurso indireto livre³.

³ Discurso indireto livre - no discurso indireto livre não há verbos de elocução ou sinais de pontuação que indiquem onde termina a fala do narrador e onde começa a fala do personagem; esta última é inserida na narrativa e o leitor deve apreender, pelo contexto, onde começa uma e termina outra. Esse tipo de discurso parece deixar o texto mais ágil; é como se a narrativa estivesse sendo desenvolvida em forma de "fluxo de pensamento" do personagem.

Do título

A Sibila

– Sejas tu uma deusa ou mortal amada dos deuses, por mim serás sempre reverenciada – disse Enéias à Sibila, enquanto voltavam à terra. – Quando chegar à atmosfera superior, mandarei erguer um templo em tua honra e eu mesmo oferecerei os sacrifícios.

– Não sou deusa – disse a Sibila – não reclamo sacrifícios nem oferendas. Sou mortal. No entanto, se tivesse aceito o amor de Apolo, poderia ter sido imortal. Ele prometeu-me satisfazer minha vontade, se eu tivesse concordado em ser sua. Tomei um punhado de areia e estendendo o braço que o segurava disse: “Concede-me ver tantos aniversários quantos grãos de areia há em minha mão.” Infelizmente, esqueci-me de pedir a juventude perene. Também isso ele me teria concedido, se eu tivesse aceito o seu amor, mas, ofendido com a minha recusa, ele deixou que eu envelhecesse. Minha juventude e a força da juventude de há muito passaram. Vivi setecentos anos e, para igualar o número de grãos de areia, terei ainda de ver trezentas primaveras e trezentos outonos. Meu corpo enfeza-se à medida que os anos passam e, com o tempo, perderei a vista, mas minha voz permanecerá e as idades futuras respeitarão minha palavra.

Estas últimas afirmações da Sibila constituem uma alusão aos seus poderes proféticos. Em sua caverna, ela costumava escrever, em folhas apanhadas das árvores, os nomes e destinos dos indivíduos. As folhas assim escritas eram arranjadas em ordem dentro da caverna e podiam ser consultadas pelos devotos, mas, se ao abrir a porta, o vento entrava e dispersava as folhas, a Sibila não podia restaurá-las de novo, e o oráculo ficava irreparavelmente perdido.

A lenda da Sibila que vamos narrar em seguida é atribuída a uma época posterior. Durante o reinado de um dos Tarquínios, uma mulher procurou o rei e ofereceu-lhe nove livros para venda. O rei negou-se a comprá-los, e a mulher retirou-se e queimou três livros, voltando, depois, para oferecer os livros restantes pelo mesmo preço que pedira pelos nove. O rei rejeitou de novo; mas, quando a mulher, depois de queimar mais três livros, voltou e pediu pelos três restantes o mesmo preço que antes pedira pelos nove, sua curiosidade foi tanta que o rei comprou os livros. Verificou-se que eles narravam os destinos do Estado romano. Foram guardados no templo de Júpiter Capitolino, conservados numa arca de pedra, onde só podiam ser examinados por funcionários especialmente nomeados para aquele fim, que nas grandes ocasiões os consultavam e interpretavam seus oráculos para o povo.

Houve várias Sibilas, mas a mais célebre foi a de Cumas, mencionada por Ovídio e Virgílio. A história que Ovídio apresenta de sua vida, abrangendo mil anos, pode ter a intenção de representar as diversas Sibilas como sendo apenas o reaparecimento da mesma pessoa.

(Thomas Bulfinch, *O livro de ouro da mitologia (A idade da fábula) - Histórias de deuses e heróis*)

A partir da história mitológica contada por Bulfinch e do enredo do livro que analisamos, você pode deduzir que o nome “sibila” tem também o sentido popular de “feiticeira”, “adivinha”. O título do romance, como fica claro no desenrolar da narrativa, é uma referência à extrema capacidade de Quina para compreender o ser humano e a vida intuitivamente. Seus “poderes” (como os chama o próprio narrador) desenvolvem-se mais fortemente a partir da síncope que a acomete na adolescência.

Ora, sabemos que a imagem sibilina de Quina foi construída por ela mesma, para preservar a atenção que adquiriu durante sua longa enfermidade (que ela, inclusive, prolonga). Então podemos interpretar os seus “poderes” de duas maneiras: 1º) ela de fato possuía uma sensibilidade desenvolvida, que lhe permitia

um contato com o que há de sobrenatural, de incognoscível racionalmente, no mundo e nas pessoas que a rodeavam; 2º) ela possuía um grande poder de observação da realidade, e utilizava-o para impressionar e manipular as pessoas à sua volta.

Apesar de contraditórias, as interpretações não se excluem: são elas mesmas prova da complexidade da personalidade de Quina; mulher que poderia ter se elevado espiritualmente a alturas que nem mesmo ela cogitava, mas que permaneceu muito presa aos aspectos mundanos de sua existência, preocupada em reerguer o nome da família e satisfazer sua vaidade.

O tecido narrativo

Em *A sibila*, destaca-se um hábil trabalho de subversão dos elementos tradicionais da narrativa. Caracteriza o desenvolvimento do enredo uma série de rupturas narrativas, misturando diversos tempos da história, com um aparente ilogismo que é na verdade sofisticada urdidura. Pode-se dizer que a autora realiza um trabalho de “tecagem literária”, entretecendo, entrelaçando diversos momentos da vida dos personagens.

O eixo em torno do qual gira a narrativa, o centro do movimento narrativo, é a personagem Quina. A sibila é a personagem telúrica que encarna a visão de mundo da autora, cheia de poesia e mistério, mas profundamente humana. (“– Quina? No fundo, o seu misticismo era humanista; era ainda uma revolta, a rebelião audaciosa e admirável da sua ignorância.” – capítulo 19)

A sibila: romance telúrico

Vamos reforçar aqui o que já adiantamos na análise do espaço da narrativa: um dos pontos centrais do romance que estudamos é a valorização do apego à terra – seja enquanto “casa”/“lar”, seja enquanto propriedade.

Em *A sibila*, a convivência entre homem e terra (natureza) parece ter dado a ele uma sabedoria ancestral e sensível (representada por Quina). Não é à toa que Germa cresce achando que tudo na casa da Vessada era mais “verdadeiro” que a vida que ela tinha na cidade, tudo se revestia de gravidade e sagrado. Na história das mulheres da família, vemos que elas se apegam ao que é essencial à vida e à alma. E o essencial é o simples. Aliás, esse é o grande defeito de Quina: apesar de viver esta simplicidade, a sibila volta e meia necessita do artificial e ilusório para alimentar sua vaidade: daí seu comportamento teatral entre o povo, algumas vezes; daí sua intimidade com as damas da sociedade.

Para o narrador, a vida artificial e supérflua dos homens da cidade (os “burgueses”) produz seres degenerados, fracos e indecisos. Não é coincidência que o jardim (a horta) com que João se diverte seja descrito como sem vida. Do mesmo modo, Germa e Bernardo atingiram um patamar da vida em que vivem de arte, são incapazes de estabelecer com a terra a mesma relação de intimidade que Maria, Estina ou Quina. Falta a eles, a Bernardo principalmente, esta experiência do telúrico, esta capacidade de retirar da terra a essência da vida.

O sangue (a família) e as mulheres

A “terra” em *A sibila* é, em diversos momentos, sinônimo de “família”. Lembremo-nos de que Quina sacrifica o seu amor a Custódio para seguir o que determina a lei de sangue: a Vessada, sede da história da família, só pode ser herdada por um membro dela, por isso Germa fica com as terras que, por coração, talvez Quina tivesse deixado a Custódio.

Há um forte senso de fraternidade entre os membros da família de Quina. Lembremo-nos de que Maria sofria por causa das aventuras do marido e dos filhos, mas não permitia que nem mesmo os de casa falassem mal deles.

E, por falar em Maria, atentemos também para o fato de as grandes personagens do livro serem mulheres, Quina à frente. Depende delas e do seu trabalho o reerguimento da casa da Vessada. Há aqui uma “elevação do feminino”, mas que não deve ser entendida de maneira simplista. As mulheres do romance se destacam, sim, pela sua fortaleza que tudo faz prosperar. Nutrem, inclusive, um desprezo por mulheres muito sentimentais, que ostentam sofrimento de amor ou não suportam os reveses da vida. Mas não nos esqueçamos de que, no caso de Maria e Estina, elas sofrem passivamente o abandono (Francisco Teixeira) e a brutalidade (Inácio Lucas) dos seus homens.

1. Capítulo 4 (Quina desenvolve sua espiritualidade às cegas)

(...) No entanto, era Quina a primeira a auscultar uma conduta estranha, um gesto, uma palavra que se não previram, um passo que fugiu do equilíbrio, uma decisão falhada, uma razão que sofreu um súbito recontro e daí surgiu o inesperado. O imponderável nas criaturas era para ela motivado pela influência de espíritos favoráveis ou malignos, sombras manifestas do além. Mercê dum sentido finíssimo para se embrenhar nos fenômenos da natureza humana ou simplesmente do meio vital, com os seus elementos, suas causas e efeitos, depressa adquiriu uma sabedoria profunda acerca de todos os ritmos da consciência, do instinto, das forças telúricas que se conjugam no fatalismo da continuidade. Conhecia os homens sem o aprender jamais. Sabia, uma por uma, qual a reação que correspondia a determinado tipo, perante determinado fato. Adivinhava-lhes os pensamentos, mesmo antes de ela os poder raciocinar. Um sorriso fazia-a pôr-se em guarda, assim como uma aranha que tecia a sua teia duma folha a outra dum pé de malva e decidia a mandar espalhar o grão na eira, ou os carolos de milho ainda úmidos da debulha. Como o que distingue para lá das montanhas qual a sombra de fumo, de pó ou de nuvem; como o que na floresta conhece o rasto do animal em tempo de caça ou tempo de amores; como o que aspira no vento o perigo, como o que pressente na atmosfera a confiança ou a traição, assim ela vivia, intensamente adaptada com essa capacidade selvagem de defesa, de astúcia, de previsão e pré-conhecimento da vida e das coisas e que o homem civilizado, unido em rebanhos pacíficos, amparado em convenções artificiais, vai perdendo ou nunca desenvolve por completo. Simples era, portanto, para ela atingir uma ascendência espiritual sobre todos aqueles para quem essas qualidades inatas só poderiam significar símbolos de magia. Aos poucos, foi ganhando títulos de adivinha, de mulher de virtude, que nunca repudiou completamente, ainda que lhe repugnasse ser equiparada a qualquer explorador de ingenuidades brancas. Acima de tudo, Quina nunca soube até que ponto a sua condição espiritual era poderosa. Agiu sempre num plano bastante medíocre de vaidade e pura ternura para tudo quanto lhe parecia informemente criado e existindo num estado temporário de imperfeição, ternura esta tão grande quanto o seu desprezo, porque tudo quanto ela amava – todas as criaturas, todas as formas, os mistérios, a própria beleza – lhe parecia longe e indiferente do que ela teria desejado. O amor é um estado de lucidez e de vidência. Aquele que ama é implacável; e só as almas mornas e diferentes encontram no seu semblante uma justificação de misérias fraternas e, perdendo-lhes, exigem o seu próprio perdão.

2. Capítulo 8 (A vaidade de Quina)

(...) Mas Quina amava o mundo, as suas manifestações de poder, de grandeza e superficiais ouropéis; amava, se não a multidão, os que venciam, o espalhafato e a exterioridade. Admirava todas as coisas bafejadas pelo êxito, invejava tudo quanto lhe parecia culminância de situações, de felicidade – moda, classe, saber. Isto condenou-a. Esse apego apaixonado ao momentâneo manteve-a sempre ao nível do efêmero. Criou asas, sem jamais poder voar. Havia nela uma admirável capacidade de entusiasmo que podia arrastá-la ao sobre-humano. Mas o instinto prático pesava-lhe como chumbo no coração, e ela subordinava aos interesses a chama que Prometeu furtou e cujo valor ela nunca compreendeu. Todos os seus passos acabavam por deixar um rasto de auto-suficiência tão inocente quanto grotesca, e todas as suas ações traziam consigo

um selo de vaidade e ânsia de louvor que as tornavam desde logo inúteis, ridículas e falsas. Como veículo do sobrenatural, ela achava-se mais venerável do que as forças de que se propunha ser intermediária; (...).

3. Capítulo 9 (Germa e as mulheres da Vessada)

(...) Era uma criança paciente, pouco meiga e que gostava de brincar sozinha. Os seus primeiros contatos com o ambiente campestre agradaram-lhe friamente, mal aceitou essa casa onde as candeias à noite desenhavam sombras e onde a higiene era tida quase como um luxo secundário, onde não havia esses pormenores de feminilidade ociosa – uma flor, um pano de renda –, e onde tudo parecia simultaneamente velho, apto e desarrumado. Mas, aos sete anos, Quina era já tão popular no seu coração como a própria casa da Vessada, com a sua lareira onde as achas crepitavam sob os potes e a trempe de ferro, com a provisão de carolos de milho e de caruma sob os bancos, e o cesto de pão na comprida mesa de cozinha onde arranchavam os criados, migando boroa no caldo e comendo, naquela atitude típica de quem se debruça num peitoril. Suspeitava ela o feitio traiçoeiro de Quina, a sua diplomacia admirável e um tanto pegajosa, o jeito de trocar ferozmente e de culpar em abstrato toda a gente, ainda que uma espécie de moleza de caráter a fizesse tão fraterna e abnegada diante duma miséria ou duma pena que a sentença dos seus juízos teria de ficar sempre suspensa. Ela não gostava de Germa, por ser mulher e porque, mesmo criança, era às vezes intratável e, por vício, amante de contradizer; mas quão tolerante e delicada era com ela, como apreciava fazer-se querida, mais do que amar! Não suportaria que Germa, ou alguém no mundo dissesse: “Ela incita ao aborrecimento e à aversão.” Jamais. Talvez houvesse nela uma ternura irreprimível perante a proximidade humana que lhe proporcionava aquele dom, maravilhoso, puro, nada constrangido da simpatia. Talvez que, na distância, ela se vingasse desse impulso de comunicabilidade, com uma certa vileza exigida pela vivacidade do espírito, que era como um látego, quando o coração era como um bálsamo. Essa mesma dualidade estranha se acentuava em Germa duma forma mais funda e varando como que um abismo entre duas margens da sua alma.

Enfim, Germa e Quina compreendiam-se bem demais, cada uma delas via na outra a sua própria personalidade, como num espelho que não tem os jogos de luz da benevolência para lhe adoçar os ângulos e esbater as deformidades. Cada uma via na outra os próprios defeitos e virtudes, e, uns porque não gostavam de os contemplar em outrem a nu, outras porque antes quisessem tê-las como originais, isso fazia com que mutuamente se detestassem, pois nós sempre tomamos como um vexame a cópia do nosso eu. Uma vez em que Germa exaltava os valores dos seus encantos com uma descuidada e infantil egolatria, Quina disse, desviando o olhar, pois apoderava-se dela uma espécie de covardia quando tinha de castigar ou repreender alguém:

– Sim, tu és diferente dos outros. Até o teu suor cheira a rosca...

Durante dois dias sentiram-se inimigas. E, contudo, que fora a vida de Quina senão um constante combate com a obscuridade, que fizera ela senão aspirar a ser “diferente dos outros” e cumprindo, para isso, a mais árdua e humana das batalhas?

A verdade é que a educação de Germa recebeu um tributo incalculável naquele convívio com os costumes do campo e da sua gente, especialmente com as mulheres da casa da Vessada. Todo o postigo que a sociedade lhe incutia, o supérfluo de que a cultura lhe rodeava o espírito sofriam ali um contraste que lhe proporcionava um equilíbrio de valores. Vinda dum lar imponderável, de burguesia um tanto desenraizada e onde o dinheiro possuía todo esse prestígio obcecante, abjeto, mas positivo, que lhe emprestavam os que apenas dividem a vida em miséria e fartura, e tudo mais acham romance, e habituada, por isso mesmo, a impor uma contradição de consciência, a preferir as coisas pobres e sem frenesi de avaliação, encontrava na casa da Vessada um ambiente um tanto árido de encantos, mas que lhe parecia digno de ser respirado. Passado

algum tempo, aborrecia-se da vida remansosa, em que todos os dias tinham o mesmo ritmo, sem um inesperado, uma notícia que viessem provocar uma emoção nova e alvoroçar a imaginação. Mas que admirável lastro, tão humano e tão vivo, restava no fundo da sua alma, mesmo quando ela esquecia, quando tudo ficava calcado sob uma camada de acontecimentos mais vibrantes, e sepultado, adormecido, nos recantos mais profundos da sua memória! E que mestras tão sábias aquelas duas mulheres, como os seus ditos saíam com um perfume de epigrama grego desses decerto que os poetas vagabundos e os filósofos errantes comunicavam à beira do caminho, enquanto sacudiam a areia das suas sandálias, ou riscavam no pó, com a ponta do cajado, um verso cuja força imortal entregavam ao vento! Nada mais grato a Germa do que ouvi-las, apanhá-las sentadas, entregues a um fazer doméstico mais repousado, e sempre dispostas ao comentário gracioso, à história sem rebuscos, à crítica humorística e cheia de fel, ao fato que se transmite dum antepassado, e àquele intrincado joguetear com famílias, destinos, gerações que se entrecruzam, se perdem e ressurgem como essas raízes subterrâneas que parecem esgotar-se e morrer, para, mais além, despontarem e prosseguirem em enflorações de vida. Toda a freguesia, com suas casas, seus campos e suas gentes, e as origens deles, e também todos os seus pensamentos e movimentos todos, passavam naquela lareira onde os gatos se chamuscavam no fogo, e a pequena Germa, como também Estina, fazia círculos esbraseados no ar, girando o atizador.

4. Capítulo 12 (A decadência de Quina: a submissão a Custódio)

O pequeno Custódio pareceu-lhe, desde o princípio, um encargo inquietante. Lamentava as suas tropelias, as suas chancas espatifadas, o seu gênio um tanto alvar que o fazia explorado por todo o garotio do lugar. Pensava na sua ascendência melindrosa, e enchia-se de receios. Mas logo ele a buscava para lhe puxar pela saia e pedir, na sua voz trôpega e confiante, que o acompanhasse, que tirasse para ele uma laranja sangüínea do pomar, ou que lhe ensinasse o nome dum gaio cujas penas azul-pedrês cobiçava. Era esta confiança, esta dádiva total de instintos que desabrocham, que maravilhava Quina. Nunca ninguém a considerara tão única, tão imprescindível, tão suprema. Quando vencera a hostilidade da mãe, impondo-se na casa com o seu ascendente espiritual desencadeado em toda a sua magnitude ambiciosa; quando a condessa a ouvia, num crédulo e passivo assombro, lambendo a colherinha de manjar branco ou de compota de framboesa, com todo o ar de quem escuta nos pingos de chuva uma voz de duende; quando Estina dizia: “Reza”, no seu tom peremptório e sem comoção; quando Germa a beijava na fronte, gabando o encanto dos seus cabelos brancos; quando a bela Adriana lhe escrevia, enchendo-a de louvores simultaneamente cândidos e convencionais; quando Adão, o seu velho confidente, lhe meditava as razões, cofiando o derrubado bigode de tártaro, e concluindo para si que perdera naquela mulher o paralelo da sua força e da sua virtude de entesourador; quando, enfim, esse mundo de valores se lhe rendera e ela obtivera dele a sujeição completa, não experimentara uma parcela da glória que aquela criança lhe proporcionava ao pegar-lhe na mão com as suas mãos sujas e papudas, ao dizer-lhe: “Vem... ouve... ajuda-me...”, balbuciando, implorando, com a sua corrente de lágrimas, que, como o seu riso, não obedecia a um sentimento, mas puramente e apenas a um instinto.

Germa, que veio visitá-la alguns anos depois, deparou com uma mulher constantemente acalbrunhada por uma certa timidez e cujos modos tinham perdido muito da sua antiga vivacidade irônica, desse desafio próprio de quem se considera, sob algum aspecto, invulnerável. Tinha-se operado nela uma estranha mudança. Como alguém que sofre uma acusação partida do íntimo se afrouxa no remorso e é prostrado pelo descrédito de si próprio, assim ela se comportava. Tinha ganho talvez em suavidade e simpatia, mas, de fato, alguma coisa do seu caráter se constrangera

até se estiolar. O amor pela criança fizera-se nela tão devastador, tão profundo, que ela não ousava interrogar de frente a sua razão, que outrora era o seu orgulho mais fixo e mais soberbo.

(...)

Assim era. Quase adolescente, possuía graças dum efebo um tanto selvagem, no expectante do gesto, no movimento da cabeça que se adianta para escutar, não com interesse, mas sim ingênuo, espontâneo espanto. A vulgaridade dum lábio espesso demais, da fronte saliente e obtusa, era atenuada pela auréola fulva dos cabelos, não-riçados, não-quebrados com essa negligência sábia da natureza, mas autêntica crina, brilhante e áspera, cortada à altura das orelhas e que lhe acompanhava os movimentos como uma pesada madeixa de seda cujo leve e contínuo oscilar provoca uma impressão poética, musical, extenuante. Os seus olhos, desse azul mediterrâneo, nítido mas não luminoso, pareciam pinceladas de guache feitas sobre uma superfície absorvente. Não eram estriados de negro ou de dourado, mas inteiramente azuis, baços, fixando-se em todas as coisas com uma inexpressão profunda, e aparecendo destituídos desses predicados de transparência receptora que têm os olhos dos vivos. Germa jamais pôde compreender como eles eram fascinantes, porque despertavam um arrepio de ternura amarga; nunca soube porque jamais os conseguiu fitar sem que um desejo desesperado de lágrimas e de risos lhe despertasse os nervos e lhe comunicasse um ímpeto de brutalidade de coisas terríveis, represadas na alma, aí esquecidas ou ignoradas, mas que vivem e ao pé das quais a razão do homem, e seus mundos construídos e destruídos, bloco por bloco, em barro e em nuvem, a sua arte e a sua ciência, os seus dogmas e as suas leis não passam de superficialidade e de burla.

(...)

Ao segundo dia da sua visita à casa da Vessada, Quina disse-lhe:

– O comboio da tarde é com certeza melhor. Comes, antes de ir, alguma coisa...

Era uma forma muito sua de despedir Germa. Ela assentiu, com um pesar insidioso no coração. O seu lugar estava, pois, esquecido, alguma coisa avassaladora e única tinha ganho terreno naquela alma, e não era possível expurgá-la mais. Como dantes, quando lhe buscava a companhia, pedindo-lhe, com lisonjeiro capricho: “Conte-me qualquer coisa, vamos...”, assim procedia ainda, mas não via agora em Quina aquele cândido prazer que a incitava à volubilidade e à comunicação. Na seqüência das refeições, que ela nunca partilhava, fiel ao seu costume de comer às ocultas, acontecia esgueirar-se da sala onde se empenhava em servir Germa, que a ouvia logo depois em murmúrio de tertúlia à lareira, com o rapaz, que regressava das suas andanças com os mosqueteiros do lugar. Pressentindo-o, Quina abalava com o seu passo alado e sem rumor, fazia-lhe o prato com algum petisco de reserva, demorava-se a vê-lo comer, com um desvelo desassossegado e um tanto importuno. Germa, assomando à entrada da cozinha, ia surpreendê-la debruçada no lar, em sussurro ameno com Custódio, que lhe falava com esse humor distraído que inventa subterfúgios e ardis para escapar, próprio dos jovens a quem os velhos retêm com os seus repisados assuntos. Porém, que diferença nessa Quina que outrora tanto amenizava o ambiente com as suas graças, como impunha as suas massacrantes opiniões a respeito de terapêutica, de ética, de metafísica! Ah, como ela era insuportável com a sua aversão à água como bebida, porque, dizia, “alaga as arribadas”! As suas prédicas a propósito de indisposições de mulheres, as suas dietas, os seus tabus, o seu vício de contradizer, a sua dúvida perene a respeito da virtude de outrem, a sua secura sentimental, que simulava mais do que sentia, a sua desconfiança pelo pobre que se desconhece, o seu magno desprezo pelo funcionário, o amanuense, o cumpridor de horários, essa raça extrabíblica criada a uma luz que não é de sol, vegetando entre dois muros móveis de orçamento, ridículos porque não são a miséria apostólica que mendiga mas que julga, mas a miséria do que trai, do que mente, do que imita, do que adula, do que espia, do que come pó e excrementos, do que sorri à injúria, não para salvar a vida, mas para obter o conforto dela. Esse desprestígio dos homens em geral e que ela constantemente apregoava, esse particular menosprezo pelas mulheres, e do qual tantas vezes Germa sofreu a alusão, eram agora em Quina como que fontes esgotadas que não alimentavam mais as

suas idéias, quase egocêntricas como pagãs. Era confrangedor vê-la captar as atenções daquela criança boçal e tosca de entendimento, que, de frente baixa, simulava escutá-la ou mesmo nem se preocupava em fingir cortesia, pois se levantava de súbito para correr ao caminho, a cortar a passagem ao camarada, ao gado, ao cão, à ninhada, cujo rumor compreendera. Que expressões iluminadas de orgulho se espelhavam no seu velho rosto, quando o rapaz, com a sua voz rouca e tarda, lhe confiava um dos seus pequenos segredos, coisas de amores e traições, maledicências, projetos, uma zanga, um canivete trocado entre amigos, a cachopa que do tabefe maternal fez selo de garantia dos seus afetos, o pião que venceu outro pião, a *estrela* lançada sobre a mata e cujo barbante se enredou, o triunfo na *choca* e no jogo do botão, o primeiro varapau de marmeleiro experimentado, em zunidos, nos rebentos de eucalipto e nos tojais.

Biografia

Agustina Bessa Luís nasceu no dia 15 de outubro de 1922 em Vila Meã, Amarante, no Douro, região onde passou a infância e a adolescência e que é cenário privilegiado de seus romances. Sua estréia literária deu-se em 1948, com a publicação de *Mundo fechado*. Mas foi com a publicação de *A sibila*, sua quarta obra, em 1954, que a escritora conseguiu reconhecimento de crítica e público. O livro ganhou imediatamente dois importantes prêmios literários e tirou várias edições seguidas. Autora bastante prolífica, sua obra vigorosa e original já conta com mais de 50 títulos de diversos gêneros: contos e romances de ficção, biografias, ensaios, crônicas, relatos de viagens, textos para teatro e televisão e juvenis. Algumas de suas obras foram adaptadas para o cinema por um dos mais importantes diretores vivos do mundo, o seu amigo Manuel de Oliveira. É, inegavelmente, um dos nomes mais significativos da atual e esplendorosa literatura contemporânea portuguesa.

Bibliografia

BESSA LUÍS, Agustina. *A sibila*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia (A idade da fábula) - Histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

COELHO, Jacinto Prado (org.). *Dicionário de literatura brasileira, portuguesa, galega e de estilística literária*. Porto, Livraria Figueirinhas, 1979, 3v.

MOISÉS, Massaud. *Presença da literatura portuguesa - Modernismo*. São Paulo, Difel, 1983, 4ª ed.

SARAIVA, Antônio José e LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. Porto, Porto Editora Ltda., s/d, 6ª ed.

Exercícios

1- (Unicamp-SP) Considere o seguinte trecho de *A sibila*, romance de Agustina Bessa Luís:

“Mas Quina amava o mundo, as suas manifestações de poder, de grandeza e superficiais ouropéis; amava, se não a multidão, os que venciam, o espalhafato e a exterioridade. Admirava todas as coisas bafejadas pelo êxito; invejava tudo quanto lhe parecia culminância de situações, de felicidade – moda, classe, saber. Isto condenou-a. Esse apego apaixonado ao momentâneo manteve-a sempre ao nível do efêmero. Criou asas, sem jamais poder voar. Havia nela uma admirável capacidade de entusiasmo que podia arrastá-la ao sobre-humano. Mas o instinto prático pesava-lhe como chumbo no coração, e ela subordinava aos interesses a chama que Prometeu furtou e cujo valor ela nunca compreendeu.”

(Nota: Prometeu, mito da Antiguidade grega, é conhecido por ter tirado dos deuses a posse do fogo.)

- O trecho fala da personagem central do romance, Quina. Segundo o narrador, sua personalidade sustentava-se sobre uma contradição entre dois pólos reconhecíveis nesse trecho. Como você resumiria essa contradição?
- Nesse trecho, observa-se uma clara intenção de análise de caráter por parte do narrador em relação a Quina. Pode-se dizer que há uma relação entre essa preocupação de análise e o fato de a crítica haver considerado essa obra um romance sem intriga. Por quê?

2- Leia os trechos abaixo de *A sibila*, de Agustina Bessa Luís, e depois responda às questões:

“A doença fez-se invalidez, estorvo para o regresso à vida normal que a devolveria à mediocridade e à sombra; adquiriu uma forma de se expressar sibilina e delicada, que deixava suspensos os ouvintes, as almas estremecendo numa volúpia de inquietação, curiosidade e esperança. (...)”

“O imponderável nas criaturas era para ela motivado pela influência de espíritos favoráveis ou malignos, sombras manifestas do além. Mercê dum sentido finíssimo para se embrenhar nos fenômenos da natureza humana ou simplesmente do meio vital, com os seus elementos, suas causas e efeitos, depressa adquiriu uma sabedoria profunda acerca de todos os ritmos da consciência, do instinto, das forças telúricas que se conjugam no fatalismo da continuidade. Conhecia os homens sem o aprender jamais. Sabia, uma por uma, qual a reação que correspondia a determinado tipo, perante determinado fato. Adivinhava-lhes os pensamentos, mesmo antes de ela os poder raciocinar.”

- A partir dos seus conhecimentos e dos trechos acima, justifique o título do livro.
- Que traços da personalidade de Quina nos são revelados pelo seu comportamento durante a doença que a acometeu?

3- Em um dos episódios de *A sibila*, de Agustina Bessa Luís, a filha louca de Estina desaparece. Quina vai até a casa da irmã rezar pela volta da sobrinha, e leva consigo Germa. Juntas, presenciam o comportamento agressivo de Inácio Lucas para com a esposa, culpando-a pelo desaparecimento da filha. No caminho de volta para a casa da Vessada, Quina aconselha a Germa: “Menina, não te cases nunca. É a maior desgraça que pode acontecer a uma mulher”. De fato, Quina nunca se casou, mas sua vida foi profundamente marcada por dois homens.

- Identifique-os e aponte semelhanças entre eles no que diz respeito ao seu impacto sobre a vida de Quina.
- Por que a relação de Quina com esses dois homens contraria, de certa forma, o recado dado a Germa?

Respostas

1-

- a) Por um lado, Quina era uma pessoa de sensibilidade extraordinária (“Havia nela uma admirável capacidade de entusiasmo que podia arrastá-la ao sobre-humano”); por outro lado, Quina apegava-se demasiadamente a valores mundanos, a coisas relacionadas a *status* e poder (“Mas Quina amava o mundo, as suas manifestações de poder, de grandeza e superficiais ouropéis; amava, se não a multidão, os que venciam, o espalhafato e a exterioridade.”).
- b) Apesar de A Sibila compreender décadas de histórias envolvendo diversos personagens – organizando-se a narrativa em torno da trajetória de toda a vida de Quina –, é correto considerá-lo um “romance sem intriga” porque a narrativa se desenvolve a partir da análise da interioridade das personagens (principalmente da protagonista). Os fatos que influenciam as transformações dessa interioridade (o caráter dos personagens) nunca chegam a atingir a dimensão de intrigas consideráveis; são apenas “pequenas intrigas” as que definem suas (das personagens) trajetórias.

2-

- a) A Sibila é uma personagem mitológica que podia prever o futuro. Popularmente, o termo é usado com o sentido de “adivinha”, “feiticeira”, ou mulher que parece ter algum poder sobrenatural. Quina, depois de sua enfermidade, em que passava por violentos transe, vai ganhando fama de adivinha e conhecedora do sobrenatural. Passa a ser muito respeitada por isso.
- b) O fato de Quina prolongar a sua enfermidade para manter sobre ela os cuidados e os carinhos dos que a rodeiam demonstra a vaidade de sua personalidade, a necessidade de ser reconhecida, de se destacar.

3-

- a) Os dois homens são o seu pai, Francisco Teixeira, e o rapaz que ela pegou para criar quando ele tinha quatro anos, Custódio (na verdade, Emílio). Esses dois homens foram as pessoas que Quina mais amou, e ambos fizeram-na sofrer de algum modo. Francisco Teixeira porque foi um pai relapso, que tinha a casa apenas como um pouso seguro, a vida repleta de amantes. Mas mesmo assim era um defensor de Quina no ambiente familiar, havia entre eles uma tácita cumplicidade. Custódio também fará Quina sofrer: seu comportamento despótico e vagabundo, seu interesse no dinheiro da mãe de criação, a rispidez com que retribui a atenção, o carinho e mesmo a entrega de Quina fazem com que ela perca o brilho de sua personalidade.
- b) O recado de Quina visa a livrar a menina do sofrimento. No entanto, ela, Quina, mesmo não se casando, acabou sofrendo por causa dos homens.